



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB  
FACULDADE DE CEILÂNDIA  
SAÚDE COLETIVA

JOÃO PAULO LAURENTINO FONSECA MARQUES

**O PAPEL DO MOVIMENTO ESTUDANTIL SEM CAMPUS PARA A  
CONSOLIDAÇÃO DO CAMPUS DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA NA CIDADE  
DE CEILÂNDIA.**

CEILÂNDIA, DF

2013

JOÃO PAULO LAURENTINO FONSECA MARQUES

**O PAPEL DO MOVIMENTO ESTUDANTIL SEM CAMPUS PARA A  
CONSOLIDAÇÃO DO CAMPUS DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA NA CIDADE  
DE CEILÂNDIA-DF.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
junto ao Curso de Saúde Coletiva da  
Faculdade Ceilândia – Universidade de  
Brasília, na área das ciências sócias de saúde  
coletiva.

Orientadora: Sílvia Maria Ferreira Guimarães

CEILÂNDIA, DF

2013

João Paulo Laurentino Fonseca Marques

**O PAPEL DO MOVIMENTO ESTUDANTIL SEM CAMPUS PARA A  
CONSOLIDAÇÃO DO CAMPUS DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA NA CIDADE  
DE CEILÂNDIA-DF.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na Faculdade de Ceilândia –  
Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Saúde  
Coletiva.

Aprovado em \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_.

---

Orientador: Prof. Dra. Sílvia Maria Ferreira Guimarães  
Faculdade de Ceilândia da Universidade de Brasília

---

1.3 Avaliador: Prof. Dr. Breitner Luiz Tavares  
Faculdade de Ceilândia da Universidade de Brasília

---

1.4 Avaliador: Prof. Dra. Erica Quinaglia Silva  
Faculdade de Ceilândia da Universidade de Brasília

Dedico este trabalho a toda minha família, aos meus amigos, professores e colegas de universidade, e também a todos aqueles que de alguma forma contribuíram nesta conquista.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente agradeço à vida que me deu a oportunidade de estar vivendo coisas que jamais pensei ter vivido. Agradeço também a Deus, pois forças divinas também são necessárias para o desenvolvimento da vida.

E sequentemente agradeço a todos que fizeram e fazem, de alguma forma, parte dessa minha história. Na trajetória que me levou até a Universidade de Brasília passei por muitas outras cidades, conheci muita gente e vivi tantas coisas que às vezes me perco em pensamentos. Acredito muito que o caminho que fazemos e as conquistas que obtemos são frutos das escolhas, que são feitas por nós e também interferências das escolhas de pessoas que são próximas a nós.

Agradeço aos meus pais, Jarluce Maria Laurentino e Joaran Fonseca Marques, por terem me educado e sempre dando bons exemplos. Sem eles eu não seria nem metade do que sou hoje, eles são realmente meus heróis. Aos meus irmãos, Jarane, Jarrier e Joaran, que cada um do seu jeito sempre interferiu em minha vida e também são muito importantes pra mim. Agradeço com um tom especial a toda a minha família, não continuarei a citar nomes, pois minha cabeça está embaralhada e posso não recordar de todos e esses agradecimentos podem não ter mais fim.

Enfim, agradeço a todos os amigos e colegas que fiz nessa fase da minha vida, aos professores que tive a oportunidade de assistir pelo menos uma aula. Em especial aos que conseguiram enxergar um pedaço de potencial em mim. E também aos estudantes e professores que cederam gentilmente um pedaço de seu tempo para contribuir com este trabalho.

E termino agradecendo à minha querida professora e orientadora Sílvia Maria Ferreira Guimarães, por me ajudar de forma extraordinária a construir este trabalho, mesmo com todas as possíveis dificuldades que poderiam aparecer durante a caminhada, ela sempre teve tempo e disponibilidade para me orientar de fato.

Obrigado por tornarem este trabalho possível!

*“A suntuosa Brasília, a esquelida Ceilândia  
contemplam-se.  
Qual delas falará primeiro?  
Que tem a dizer ou a esconder uma em face  
da outra?  
Que mágoas, que ressentimentos prestes a  
saltar  
da goela coletiva e não se exprimem?  
Por que Ceilândia fere o majestoso orgulho  
da flórea Capital?  
Por que Brasília resplandece  
ante a pobreza exposta dos casebres de  
Ceilândia,  
filhos da majestade de Brasília?  
E pensam-se, remiram-se em silêncio.  
as gêmeas criações do gênio brasileiro”.*

*Carlos Drummond de Andrade*

*“... Como são belos os dias  
Do despontar da existência!  
— Respira a alma inocência  
Como perfumes a flor;  
O mar é — lago sereno,  
O céu — um manto azulado,  
O mundo — um sonho dourado,  
A vida — um hino d'amor!...”.*

*Casimiro de Abreu*

*“Quando você cuida de alguém que  
realmente está precisando, você vira um  
herói. Porque o arquétipo de herói é a pessoa  
que, se precisar, enfrenta a escuridão e segue  
com amor e coragem porque acredita que  
algo pode ser mudado para melhor”.*

*Patch Adams*

## RESUMO

O trabalho visa analisar o papel do movimento estudantil SEM CAMPUS na consolidação do novo campus da Universidade de Brasília na cidade de Ceilândia, fundado no ano de 2008, por meio do REUNI - Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais, que visa aumentar o número de ingressos de jovens no ensino superior. Este trabalho tem como objetivo analisar como se formou e vem sendo formado o movimento estudantil Sem Campus na UnB-Ceilândia, identificar os motivos que levaram a formação desse movimento estudantil no processo de inserção do Campus da UnB na Ceilândia, e analisar as demandas do mesmo. Sendo assim é feito um panorama a respeito das atuações dos movimentos sociais estudantis que também desempenham participação relevante nas propostas de implementações de políticas sócio educativas. O Sem Campus foi fortalecido frente às grandes dificuldades enfrentadas pelos estudantes e professores, mas antes já vinha acontecendo manifestações, mobilizações para melhorias nas condições de ensino na Faculdade de Ceilândia. A ocupação da reitoria ocorreu quando os estudantes não conseguiam mais suportar aquela situação. Assim o trabalho se desenvolveu também sobre as experiências e relatos vividos por alguns discentes e docentes da instituição, nesses relatos é perceptível que o movimento hoje está estático e necessita de continuidade entre os novos estudantes. Portanto este trabalho faz resgate de um pedaço da história da Faculdade da Ceilândia e também pode servir de base para novas pesquisas.

Palavras-chaves: História da UnB – História da Ceilândia – Movimentos Sociais Estudantis.

## **ABSTRACT**

This research aims to analyze the role of the student activism “SEM CAMPUS” on the consolidation of the Universidade de Brasília’s new campus, located at the city of Ceilandia. The Ceilandia campus was founded in 2008 by the REUNI movement. The REUNI movement’s purpose is to increase the number of students that will attend college. The study shows how the student’s activism emerged, how it’s been growing, the reasons that led the formation, and the demands of the movement. In sum, the goal of this research is to show how relevant their work is on socio educational policies. The “SEM CAMPUS” was strengthened after students and teachers faced great difficulties. Some acts were already taking place at Ceilandia’s campus, but not as strong as the “SEM CAMPUS” movement had become. At a certain point, the students occupied the President’s room. This happened after they got tired of innumerable unsuccessful attempts to change the way the matters were conducted. In sum, this study is based on experiences on both sides, that of students and those of teachers and professors. It’s important to show the relevance of the student’s activism to the freshmen so they can continue to strengthen it and not let it weaken. Because of all that has happened, and all that the students went through, they are now part of the History of the Ceilandia’s campus.

**Keywords:** History of UnB - History of Ceilândia - Student Social Movements.

## LISTA DE FOTOS

Foto 1 – Aviso de não aula e ida para a reitoria -----	33
Foto 2 – Estudante barram entrada de professores e outros estudantes -----	33
Foto 3 – Concentração e planejamento das atividades no beijódromo -----	34
Foto 4 – Estudantes em luta: Em busca de um ensino superior com uma estrutura adequada -----	34
Foto 5 – Entre uma assembleia e outra -----	36
Foto 6 – Porta de entrada da reitoria -----	40
Foto 7 – Reitor, Senadores e estudantes -----	46
Foto 8 – Fim da ocupação, descida da rampa da reitoria-----	47

## LISTA DE ABREVIATURAS E SILGAS

ADUnB	Associação dos Docentes da Universidade de Brasília
AI-5	Ato Institucional número 5
BA	Bahia
CA	Centro Acadêmico
CEI	Campanha de Erradicação de Invasões
CEM 04	Centro de Ensino Médio
CF-88	Constituição Federal de 1988
CONSUNI	Conselho Universitário
CPC	Centro Popular de Cultura
DCE	Diretório Central dos Estudantes
DF	Distrito Federal
DOPS	Departamento de Ordem Política e Social
ETC	Escola Técnica de Ceilândia
EUA	Estados Unidos da América
FCE	Faculdade da Ceilândia
FEUB	Federação dos Estudantes da Universidade de Brasília
FE-1	Faculdade de Educação 1
FGA	Faculdade do Gama
FUB	Fundação Universidade de Brasília
FUP	Faculdade de Planaltina
GDF	Governo do Distrito Federal
IAPI	Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários
ICC	Instituto Central de Ciências Sul / Norte
IPM	Inquérito Policial Milita
PDAD	Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios
PDE	Plano de Desenvolvimento da Educação
PT	Partido dos Trabalhadores
ME	Movimento Estudantil
MESP	Módulo de Serviços e Equipamentos Esportivos
MOPUC	O Movimento Pró Universidade Pública de Ceilândia
MPF	Ministério Público Federal

MPL	Movimento passe livre
MSC	Movimento Sem Campus
MST	Movimento dos Trabalhadores sem Terra
NOVACAP	Companhia Urbanizadora da Nova Capital
NPJ	Núcleo de Práticas Jurídicas
PGR	Procuradoria Geral da República
PMDB-SP	Partido do Movimento Democrático Brasileiro – São Paulo
PSDB	Partido Socialista Democrata Brasileiro
REUNI	Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais
SECOM	Secretaria de Comunicação
SEE	Secretaria de Educação
UAC	Unidade Acadêmica
UED	Unidade de Ensino e Docência
UnB	Universidade de Brasília
UNE	União Nacional dos Estudantes
URP	Unidade de Referências de Preços

## SUMÁRIO

1.	Introdução -----	13
1.1	Delineamento do tema -----	13
1.2	A cidade de Ceilândia, a Universidade de Brasília e o programa REUNI -----	15
1.3	História da UnB: da criação ao regime militar -----	17
2.	Panorama do movimento estudantil brasileiro -----	22
2.1	O movimento estudantil na História do Brasil: momentos da história do Brasil em que os estudantes marcaram presença -----	25
3.	Metodologia -----	28
4.	O RITO DE PASSAGEM: a ocupação da reitoria e a construção do Movimento Estudantil SEM CAMPUS -----	30
5.	Percepções sobre o Movimento Estudantil Sem Campus, por entre pressões e divergências em redes de relações -----	47
6.	Considerações Finais -----	51
7.	Referência bibliográfica -----	62
8.	Anexo -----	64

## **1. INTRODUÇÃO**

### **1.1 Delimitando o tema**

Este trabalho pretende analisar o papel do movimento estudantil Sem Campus na consolidação do novo campus da Universidade de Brasília na cidade de Ceilândia, Distrito Federal. Este novo campus foi fundado em 2008, como parte do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais – REUNI, instituído pelo Decreto nº 6.096, de 24 de abril de 2007. Tinha como um dos seus objetivos dotar as universidades federais das condições necessárias para ampliação do acesso e permanência na educação superior e era uma das ações que consubstanciavam o Plano de Desenvolvimento da Educação – PDE, lançado pelo Presidente da República, em 24 de abril de 2007. Este programa pretende congrega esforços para a consolidação de uma política nacional de expansão da educação superior pública, pela qual o Ministério da Educação cumpre o papel atribuído pelo Plano Nacional de Educação (Lei nº 10.172/2001) quando estabelece o provimento da oferta de educação superior para, pelo menos, 30% dos jovens na faixa etária de 18 a 24 anos, até o final desta década. Na Universidade de Brasília, essa proposta levou a expansão dos cursos e número de vagas no campus Darcy Ribeiro e a criação de três novos campi, nas cidades de Planaltina, Ceilândia e Gama. Esses novos campi são denominados como Faculdade de Planaltina - FUP; Faculdade da Ceilândia – FCE; e Faculdade do Gama – FGA, sendo que cada um concentra cursos de áreas específicas. Na cidade de Ceilândia, estão cursos da área de Saúde (Saúde Coletiva, Enfermagem, Fisioterapia, Terapia Ocupacional, Farmácia e Fonoaudiologia), na cidade do Gama, estão cursos da área de Engenharia (Aeroespacial, Automotiva, Eletrônica, Energia e Software) e na cidade de Planaltina, estão os cursos da área de Agrárias (Gestão Ambiental, Gestão do Agronegócio, Ciências Naturais e Licenciatura em Educação do Campo). Este trabalho visa analisar o movimento estudantil Sem Campus, criado na UnB-Ceilândia, e sobre suas demandas enquanto movimento estudantil.

No processo dinâmico de expansão promovido pelo REUNI, estudantes, professores, técnicos e a comunidade da Ceilândia participaram e, ainda, participam ativamente na construção do campus, revelando a maneira como projetos, programas e políticas governamentais são reapropriadas e reinterpretadas pelos cidadãos. Diante desse quadro, este trabalho pretende analisar como se formou e vem sendo formado o movimento estudantil Sem Campus na UnB-Ceilândia, identificar os motivos que levaram a formação desse movimento

estudantil no processo de inserção do Campus da UnB na Ceilândia; e analisar as demandas do mesmo. Sendo assim, o cenário desta pesquisa será o campus da UnB-Ceilândia e terá como sujeitos os estudantes que formaram esse movimento conjuntamente com o processo de construção do campus. Além desses, este trabalho pretende abordar os professores da Universidade de Brasília que participaram diretamente desse processo e a comunidade da Ceilândia. Para tanto, pretende focar na maneira como esses sujeitos pensaram e viveram todo esse processo conflituoso de aplicação de uma política de expansão da Universidade de Brasília. Pretende-se analisar as diferentes vozes envolvidas na formação desse movimento social estudantil.

De acordo com alguns membros do movimento estudantil é possível inferir que a especificidade do movimento estudantil da Ceilândia se deu com demandas criadas para se ter o campus e a Universidade de Brasília atuando de maneira que os estudantes se sentissem como acadêmicos. Este trabalho pretende discutir com esses estudantes quais eram suas reivindicações, o que entediam por qualidade e estrutura dentro de uma universidade. A história desse movimento social é recente, pois o campus é novo e teve suas primeiras turmas iniciadas no segundo semestre de 2008. Esses estudantes iniciaram suas manifestações já em 2008, na cidade de Ceilândia, e depois em Brasília, quando ocuparam a reitoria da Universidade de Brasília, em 2011. Diante desse quadro, nesses poucos anos de história do campus, pretende-se discutir as demandas dos estudantes e criação de estratégias para conseguir efetivá-las. No início dos cursos, as aulas eram dadas de forma improvisada em um prédio do Núcleo de Práticas Jurídicas (NPJ) da UNB, situado na própria Ceilândia, na avenida Hélio Prates. Estudantes juntamente com professores foram improvisando com o espaço que tinham, mas devido ao barulho e instalações precárias, os estudantes iniciaram suas reivindicações. Assim, esses se reuniram e fizeram a sua primeira forma de protesto nas ruas da cidade, ocuparam a avenida Hélio Prates, principal via da cidade de Ceilândia, que fica em frente ao NPJ, em uma tentativa de mostrar que a UNB estava presente na Ceilândia, mas em condições adversas. Após esse evento, foram informados que a inauguração do Campus estava marcada para o início de 2009, o que não aconteceu. Assim, foram transferidos mais uma vez de forma improvisada para o Centro de Ensino Médio 4 (CEM04), no bairro da Guariroba, em Ceilândia, e utilizaram salas de aula que não eram usadas pela escola. Somente em 2012, grande parte das turmas foram transferidas para o novo campus.

## 1.2 A cidade de Ceilândia, a Universidade de Brasília e o programa REUNI

Uma das principais ações do processo de interiorização do Estado brasileiro foi a transferência da Capital do Rio de Janeiro para o Distrito Federal (DF), que se inicia no fim da década de 50 com sua inauguração em 21 de abril de 1960. Não se tratava de uma cidade meramente administrativa, com vida baseada apenas na burocracia dos serviços públicos ou na prestação de serviços aos servidores, mas teve significados e foi utilizada de modos diversos. Para muitos, foi sinônimo do sonho do progresso e da busca por um novo futuro. Assim, milhares de migrantes que, inicialmente, buscaram emprego no grande canteiro de obras que se transformou a cidade, permaneceram em busca de novas oportunidades, de emprego e de construir uma nova vida.

É desse sonho da construção de uma nova vida que nasce Ceilândia e, também, a UnB, sendo a primeira advinda do sonho de uma imensa quantidade de trabalhadores, que imprimiram uma luta com resistência pelo direito à moradia. Ocupavam uma área nobre nas proximidades do centro de poder da capital e se viram imersos em um movimento de retirada de suas casas e barracos em uma política de exclusão do espaço urbano de Brasília. Nesse período, o governo cria a Campanha de Erradicação de Invasões, com a sigla CEI, que anos depois se juntaria ao sufixo “Lândia” e daria nome ao local de moradia dos então ocupantes da Vila do IAPI - Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários. Em 1969, foi realizado em Brasília o seminário sobre problemas sociais do Distrito Federal, neste a crise de “favelamento” foi levantada como fator extremamente preocupante. Reconhecendo a gravidade do problema e suas consequências, o governador Hélio Prates da Silveira solicitou a ‘erradicação das favelas’ à Secretaria de Serviços Sociais, comandada por Otamar Lopes Cardoso. No mesmo ano, foi criado um grupo de trabalho que, mais tarde, se transformou em Comissão de Erradicação de Favelas. Foi criada, então, a Campanha de Erradicação das Invasões, presidida pela primeira-dama, dona Vera de Almeida Silveira. Em 1971, já estavam demarcados 17.619 lotes, numa área de 20 quilômetros quadrados, que, posteriormente, foi ampliada para 231,96 quilômetros quadrados, pelo Decreto 2.842, de 10 de agosto de 1988. Os lotes ficavam ao norte da cidade de Taguatinga, nas antigas terras da Fazenda Guariroba. Os mesmos foram destinados à transferência dos moradores das invasões do IAPI, das Vilas Tenório, Esperança, Bernardo Sayão entre outras. Para o governo, essas invasões com mais de 15 mil barracos e mais de 80 mil moradores precisavam ser solucionadas (LOPES, 1993).

A NOVACAP - companhia urbanizadora da nova capital, fez a demarcação de território que seria utilizado para a transferência dessas invasões em 97 dias, com início em 15 de outubro de 1970. Em 27 de março de 1971, o governador Hélio Prates lançava a pedra fundamental da então cidade de Ceilândia. Foi iniciado o processo de assentamento das vinte primeiras famílias da invasão do IAPI. Ceilândia, hoje, possui, cerca de 398.374 habitantes (Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios - PDAD 2010/2011), porém informalmente, consta-se a existência de cerca de 600.000 habitantes, sendo a região administrativa de maior população do Distrito Federal

Por sua vez, a Universidade de Brasília surge dos sonhos de diversos pensadores, como Darcy Ribeiro e Anísio Teixeira, que pensavam em uma Universidade sem muros e com o intuito de contribuir no processo de universalização da educação pública e laica, no Brasil. Darcy Ribeiro definiu as bases da instituição, Anísio Teixeira planejou o modelo pedagógico e o Oscar Niemeyer transformou as ideias em prédios (site da UnB). A proposta era criar um projeto de educação que unisse o que havia de mais moderno em pesquisas tecnológicas com uma produção acadêmica capaz de melhorar a realidade brasileira. Desse modo, foi criado um Plano Orientador, em 1962, e ainda em vigor com a seguinte diretriz: “Só uma universidade nova, inteiramente planejada, estruturada em bases mais flexíveis, poderá abrir perspectivas de pronta renovação do nosso ensino superior”. No entanto, a criação da Universidade com tantos ideais e tendo como formuladores intelectuais ativos e criativos teve certa resistência para ser construída no local previsto. Isso foi devido a sua proximidade com a Esplanada dos Ministérios, pois algumas autoridades não queriam que estudantes interferissem na vida política da cidade. Finalmente, em 15 de dezembro de 1961, o então presidente da República, João Goulart, sancionou a Lei 3.998, que autorizou a criação da Universidade de Brasília. O sonho desta Universidade está sendo reformulado e revivido pelos jovens que hoje movimentam o campus da Ceilândia e pelas pessoas que vivem na região da Ceilândia, conforme veremos ao longo deste trabalho.

Para compreender o contexto e cenário onde se insere o movimento estudantil da UnB-Ceilândia, cabe apresentar um histórico sobre a formação da Universidade de Brasília, da sua criação ao regime militar, para em seguida, apresentar os anos REUNI.

### 1.3 História da UnB: da criação ao regime militar

#### 1960

*21 de abril - O então presidente da República, Juscelino Kubitschek, apresenta ao Congresso Nacional o Projeto de Lei nº 1.861/60, que autoriza o Poder Executivo a instituir a Fundação Universidade de Brasília (FUB). O projeto é entregue no dia inauguração de Brasília. Esse é o primeiro ato assinado pelo presidente na nova capital.*

#### 1961

*25 de agosto - A lei de criação da UnB tramitou por mais de um ano na Câmara dos Deputados. No dia da renúncia do presidente Jânio Quadros, em meio à perplexidade da Casa e por uma rápida e estratégica mudança na Ordem do Dia, o projeto foi surpreendentemente aprovado por larga margem de votos. Apesar das oposições, o projeto também foi aprovado no Senado Federal por imensa maioria.*

*15 de dezembro - A Lei 3.998, que autoriza a fundação da UnB, é assinada pelo presidente João Goulart.*

#### 1964

*9 de abril - A UnB é invadida por tropas militares. É instaurado um Inquérito Policial Militar (IPM) para investigar denúncias de subversão e indisciplina na Universidade, mas nada é concluído.*

*13 de abril - O regime militar extingue o mandato do reitor Anísio Teixeira. O médico Zeferino Vaz é nomeado reitor.*

#### 1965

*21 de julho - São aprovadas normas reguladoras da constituição dos Diretórios Acadêmicos e do Diretório Central dos Estudantes.*

*25 de agosto - Zeferino Vaz renuncia. Em seu lugar, assume o professor de filosofia Laerte Ramos de Carvalho. Os estudantes entram em greve e o campus é ocupado pela polícia por uma semana.*

*18 de outubro - Os cursos da Universidade sofreram grande baixa: 223 professores encaminharam à Reitoria um pedido de desligamento em solidariedade aos 15 docentes afastados em junho de 1964 pelo então reitor Zeferino Vaz.*

#### 1968

*28 de Março - O estudante secundarista Edson Luis é morto a tiros pela polícia militar do Rio de Janeiro enquanto protestava contra a má alimentação do restaurante estudantil "Calabouço". A morte do estudante agrava os embates entre o movimento estudantil e o governo militar. Cerca*

*de 5 mil pessoas compareceram ao enterro. Logo após o anúncio da morte de Edson Luis, os alunos da UnB, liderados pelo então presidente da Federação dos Estudantes da Universidade de Brasília (Feub), Honestino Guimarães protestam contra o acontecimento.*

*29 de março - Em Assembleia Geral, cerca de três mil estudantes da UnB decidem suspender as aulas e dar o nome de Edson Luis à praça que fica entre o prédio da Faculdade de Educação I (FE-I) e a quadra de basquete. Há enfrentamento entre os estudantes, liderados por Honestino Guimarães, e a polícia. Instala-se a maior crise política do governo Costa e Silva, com declarações do chefe do Gabinete Militar da Presidência, General Jaime Portela, de que o governo deveria endurecer para que os estudantes não tomassem conta da situação.*

*01 de abril - Pela manhã, o campus da UnB estava cercado ostensivamente pela polícia militar. Em Assembleia Geral, os estudantes decidem solicitar ao reitor a exclusão do Professor Roman Blanco do quadro docente da UnB, sob a acusação de delação de alunos. Os universitários identificaram quatro militares em trajes civis, infiltrados no campus.*

*03 de abril - O reitor determina o fechamento da Feub por ser uma entidade fora da estrutura legal de organização estudantil.*

*29 de agosto - A UnB é invadida pelo DOPS e o Exército. O único acesso para a UnB é fechado. Alunos e até políticos, como o então deputado federal Santilli Sobrinho (PMDB-SP), ficam detidos na quadra de basquete. O estudante Waldemar Alves é baleado na cabeça e passa meses em estado grave no hospital. É a pior invasão sofrida pela UnB desde a sua criação.*

## 1977

*Estudantes e professores fazem protesto na Via L2 Norte para pedir a demissão do reitor José Carlos de Almeida Azevedo. Durante o ano, a Universidade sofre três invasões militares.*

*19 de maio - A data é escolhida, pelo movimento estudantil, como o Dia Nacional da Luta. Os estudantes de Brasília dirigem-se, pela manhã, aos gramados da Faculdade de Educação para uma Assembleia na Praça Edson Luis. Depois, fazem uma passeata pelo campus até o prédio da Reitoria, terminando com nova Assembleia no Restaurante Universitário.*

*30 de maio - São suspensos 16 alunos identificados como líderes das manifestações.*

*31 de maio - Em Assembleia no Anfiteatro 9, os estudantes decidem entrar em greve por tempo indeterminado. O então reitor José Carlos Azevedo solicita a presença da Polícia Militar para intimidar os estudantes. O campus é ocupado pela polícia que garante o reinício das aulas.*

*5 de junho - Diante das pressões, 150 professores realizam uma Assembleia para se colocar como mediadores do conflito entre a Reitoria e os estudantes.*

*6 de junho - Por volta de 12h, as tropas militares invadem mais uma vez a instituição, prendendo estudantes e intimando professores e funcionários.*

*17 de junho - Acontece a primeira reunião do Conselho Universitário (Consuni) desde a sua criação. Nela, são discutidas as punições aplicadas pelo reitor José Carlos de Almeida Azevedo. Com exceção dos professores José Carlos Coutinho e Marco Antônio Rodrigues Dias, o conselho legitima as sanções. É instalada uma comissão de inquérito para apurar as responsabilidades da greve. As aulas são suspensas por 30 dias. Findados os trabalhos da comissão, a resposta da reitoria é fulminante: 30 alunos são expulsos, sete suspensos por 90 dias, 25 suspensos por 30 dias e dois suspensos por cinco dias. No total, 64 estudantes foram punidos. Para justificar a ocupação do campus pela polícia e pelos órgãos de segurança pública, a solução jurídica encontrada é um habeas corpus, supostamente pedido por um grupo de alunos que desejava assegurar seu direito de assistir às aulas. Nos dias 27 de outubro e 7 de novembro, ocorrem outras duas invasões de tropas policiais para reprimir uma Assembleia cuja proposta é discutir o indicativo de nova greve e a encenação da peça teatral "O Preço da Liberdade é a Eterna Vigilância".*

As invasões só acabaram com o início da abertura política no Brasil. Em 1979, o Congresso aprova a Lei de Anistia, que perdoa os crimes políticos cometidos desde 1961. A democracia na Universidade é retomada em 1984, com a eleição do reitor Cristovam Buarque. Desde a sua criação, a Universidade de Brasília é marcada pela presença ativa do movimento estudantil. Nessa nova etapa que vive o ensino superior, com sua proposta de expansão e ampliação do número de vagas, cabe perguntar como está sendo a participação do movimento estudantil, quais temas e questões mobilizam os estudantes ao longo desse processo. Nesse sentido, este trabalho pretende discutir o papel do movimento estudantil na consolidação do novo campus da Universidade de Brasília na cidade de Ceilândia. Além disso, visa identificar os motivos que instigaram tanto o movimento estudantil para a inserção do Campus da UnB na Ceilândia; analisar o quão importante foi e é a luta por qualidade de ensino superior, tendo em vista a estrutura e localidade do campus; e entender a importância da iniciativa por parte dos estudantes dentro da Universidade como um todo.

As questões que permeiam este trabalho me inquietaram tendo em vista o fato de cursar uma das primeiras graduações em Saúde Coletiva criadas no Brasil, em 2008 (o curso da UnB-Ceilândia encontra-se em sua terceira turma de formandos), o qual é uma ciência que foi construída a partir de um movimento social e uma corrente de pensamento e científica (NUNES, 1994). Surge como tema na Saúde Coletiva, a criação de movimentos sociais que fomentam sociabilidades reivindicadoras de demandas e posicionamento de grupos subalternos. Nesse sentido, a discussão sobre o protagonismo político de estudantes em cursos da área de saúde surge como temática central na Saúde Coletiva. De acordo com Goss &

Prudencio (2004), após períodos ditatoriais, há uma nova geração de conflitos sociais e culturais, caracterizados pela luta sobre as finalidades da produção cultural, educacional, de saúde e informação de massa. Segundo Touraine (2000), os sujeitos passam a resistir a novas formas de dominação social que invocam valores e orientações gerais da sociedade. Nesse sentido, os movimentos sociais contemporâneos não estão a serviço de nenhum modelo de sociedade perfeita, mas lutam pela democratização das relações sociais. Diante desse quadro, os estudantes da UnB-Ceilândia passam a ser sujeitos ou se constroem como atores que contestam determinada lógica e ordenamento. Assim, este trabalho pretende discutir como percebem essa lógica e ordenamento que resistem e contra a qual se apoiam e se criam como sujeitos. As contestações que desencadearam não visam criar um novo tipo de sociedade, mas ‘mudar a vida’, defender direitos ameaçados, direitos à livre expressão ou à livre escolha de um estilo e de histórias de vida pessoais (TOURAINÉ, 2000). Percebe-se na fala dos estudantes que o estilo de vida acadêmica, o desejo de entrar em outro universo de discussão e ação passam a ser suas demandas que não se concretizam quando passam no vestibular para a UnB. A seguir segue carta escrita por um estudante do Movimento Sem Campus, lida na reunião do Conselho da Universidade (CONSUNI) quando o mesmo iria avaliar a demanda dos professores e estudantes da UnB-FCE de não realizar o vestibular no primeiro semestre de 2012.

---

***Carta de estudante da UnB Ceilândia***

*Oney Araújo*

*Caros decanos e representantes da lei, meu nome é Oney Araújo. Sou aluno do 3º semestre de Saúde Coletiva da Faculdade de Ceilândia, nós somos 1.500 alunos estudando em um ambiente improvisado de aproximadamente 600 metros quadrados com apenas 10 salas de aula, viemos aqui porque nossos representantes do Estado e da Universidade de Brasília não levam em consideração os nossos problemas vividos e a nossa dificuldade árdua de estudo, nós exigimos de vocês que mudem seu jeito de agir. Ao vir aqui hoje não preciso disfarçar meu objetivo, estou lutando pelo meu futuro. Não ter garantia sobre meu futuro não é a mesma coisa que perder uma eleição ou um atraso de pagamento. Estou aqui como todos os outros para defender os alunos que almoçam no chão, que fazem prova do lado de fora, que não pegam matéria obrigatória por falta de sala, das turmas que têm 60 alunos e compõem uma sala de capacidade máxima para 30, cujo apelo destes não são ouvidos. Estou aqui também para falar dos 80 professores que têm suas condições de trabalho limitadas, em um local improvisado onde vários instrumentos de laboratórios ficam encaixotados por falta de espaço envelhecendo dentro de caixas, que trabalham acima do máximo de créditos obrigatórios, e que dão aula ao lado de oficinas com máquinas de serra elétrica ou um barulho infernal que a escola ao lado faz.*

*Não podemos mais permanecer ignorados, hoje tenho medo de me formar em uma universidade improvisada e nunca ter vivido o meu sonho de estudo em local adequado, quem dirá os meus amigos que estão no 7º semestre e se formam daqui a um ano, e que receberam as mesmas promessas que fazem há três anos, e farão hoje novamente.*

*Em toda minha vida, eu sonhei entrar em uma universidade pública, mas esse sonho foi me entregue pela metade, a outra está somente na fala de vocês e nos diversos papéis que são assinados para acalmar nossas inquietações, então agora eu me pergunto, será que mais uma vez será assim?*

*Todas essas coisas acontecem bem diante de nossos olhos, e mesmo assim vocês continuam agindo como se tivéssemos todo o tempo do mundo e todas as soluções. Sou apenas um estudante e não tenho todas as soluções, mas quero que saibam que vocês também não têm. Vocês não sabem como explicar para nós, porque o dinheiro investido em três anos não levantou o nosso campus. Vocês não sabem como solucionar nosso problema sem agradar partidos políticos e favorecer interesses pessoais. E vocês não podem recuperar o dano dos sete semestres que já foram feitos. Se vocês não podem recuperar isso, por favor parem de destruir.*

*Aqui vocês são decanos, reitores, assistentes ou políticos, mas na verdade são mães e pais, irmãos e irmãs, mas todos aqui somos, de fato, estudantes.*

*Volto a dizer, sou apenas um estudante, mas sei que esse problema atinge a todos nós e devemos agir como se fôssemos uma universidade só, rumo a um único objetivo.*

*Apesar da minha raiva, eu não estou cego, apesar do meu medo, não sinto medo de dizer a vocês como eu me sinto.*

*Desde o jardim de infância vocês nos ensinam a não brigar com os outros, resolver com tranquilidade as coisas, respeitar os outros, arrumar nossas bagunças, dividir e não ser mesquinho. E então porque vocês fazem exatamente o oposto?*

*Não esqueçam do por quê vocês estão aqui, para quem vocês estarão fazendo isso, veja-nos como se fôssemos seus próprios filhos.*

*Vocês estão decidindo em que tipo de universidade nós iremos estudar. Os pais devem ser capazes de confortar dizendo-lhes: tudo vai ficar bem, estamos fazendo o melhor que podemos, mas eu não acredito que possam nos dizer isso. Estamos sequer em sua lista de prioridades.*

*Meu pai sempre me diz: você é aquilo que você faz, e não o que você diz. Bom, o que vocês fazem me faz perder o sono à noite. Vocês, pessoas "responsáveis" dizem que estão do nosso lado, então eu desafio vocês, por favor, façam suas palavras refletirem suas ações.*

*Obrigado!*

---

## 2. PANORAMA DO MOVIMENTO ESTUDANTIL BRASILEIRO

*“Com efeito, em razão de suas próprias especificidades, as práticas estudantis ocupam pouco espaço no interior das investigações voltadas para os movimentos sociais”.*

(FRAGA, 1996).

No Brasil, o debate sobre o movimento estudantil se estabelece entre autores que enaltecem o espírito jovem e outros que questionam o protagonismo estudantil, principalmente a partir da fundação da União Nacional dos Estudantes – UNE. Antonio Mendes Junior é um dos que tem uma visão otimista e coloca o estudante como um importante ator político nos processos de transformação pelos quais passou o país até então:

*“Argumenta-se, muitas vezes, que o caráter transitório da condição de estudante - a passagem pelos bancos acadêmicos seria uma etapa relativamente rápida, evoluindo para uma integração "real" na vida profissional - faria com que o movimento estudantil apresentasse uma certa "fluidez", que o tornaria incapaz de organizar e levar adiante uma ação política de longo prazo. [...] Ocorre, entretanto, que em muitos momentos da vida nacional os estudantes se converteram em verdadeiros 'pontas de lança' de uma sociedade amordaçada, reprimida e oprimida, atuando no sentido de desencadear movimentos de caráter mais amplo e que desembocaram em sérias transformações políticas no país”. (MENDES, 1981)*

Antes de iniciar o debate sobre o movimento estudantil da UnB-Ceilândia, é válido recuperar pesquisas voltadas a atuação dos estudantes brasileiros ao longo dos séculos. A ideia dessa recuperação consiste em reunir alguns elementos que contribuam na reflexão sobre as práticas estudantis e que ajudem a reconstituir os percursos que de alguma forma influenciaram o que é o movimento estudantil hoje. É importante situar o estudante como ator político na conjuntura nacional e problematizar as referências que recaem sobre ele, além de reunir elementos que venham a contribuir para a reflexão sobre a história do movimento estudantil na UnB-Ceilândia.

O tema em questão, movimentos sociais estudantis, teve fundamental importância para a implementação do campus da Universidade de Brasília em Ceilândia. Tendo isso como ponto fundamental para a pesquisa, o trabalho busca clarear e entender como esse processo se deu. Os movimentos estudantis são uma faceta dos movimentos sociais relevantes na proposta de implementação das políticas educacionais no país. Extrapolando as demandas por educação, o movimento estudantil mobiliza-se por diversas outras questões, assim é possível

observar como esse teve participação para o fim da ditadura brasileira, participou do processo constituinte e, atualmente, por meio do movimento “Passe livre” desencadeou uma mobilização na sociedade brasileira como um todo, agora, em 2013.

De acordo com Gohn (2010), os movimentos sociais surgem nas tensões existentes na sociedade, na busca por mudanças, na necessidade de passagem de uma forma de integração a outra. Assim, constituem tentativas, fundadas num conjunto de valores comuns, destinados a definir as formas de ação social e a influir nos seus resultados. Ainda, segundo a autora (op. cit), os contextos sociais diversos, as diferentes trajetórias dos coletivos na relação com processos políticos, econômicos e sociais levam à formação e desenvolvimento diversos dos movimentos sociais.

Assim, ao longo da construção da sociedade plural brasileira, a autora enfatiza a diversidade dos movimentos sociais existentes. No processo de dinamização da sociedade brasileira é possível perceber a diferença entre novos movimentos sociais, os quais demandam lutas por moradia, por equipamentos coletivos etc., e velhos movimentos sociais, formados por “sociedades amigos do bairro”, com forte cunho populista e clientelista. Na história de sociedades como a brasileira, há uma hegemonia dos movimentos populares diante de outros tipos de movimentos sociais. A maioria dos movimentos populares, aqui, luta por terra, moradia, comida, etc., e não por direitos civis como aconteceu nos EUA e Europa. Assim, as demandas, no Brasil, eram por direitos econômicos, elementares de sobrevivência humana e não direitos humanos como na Europa e América Latina. Atualmente, após a ditadura, a partir da década de 1990, observa-se a emergência de “novos” movimentos sociais, os quais apresentam peculiaridades como de mulheres, ambientalistas, de negros etc., em uma sociedade machista e com preconceito racial escamoteado.

Nesse processo de construção recente da sociedade brasileira, outros movimentos populares se destacaram como os que tiveram atuação da ala progressista da igreja católica, como da Teologia da Libertação. Vale enfatizar que, quando se trata de movimentos sociais no Brasil, a religião é um elemento importante para o homem pobre latino-americano e pautou sua organização em movimentos populares (BRANDÃO, 2007). O passado colonial moldou uma cultura em que religião é sinônimo de esperança e passou a ter um viés político. Desse modo, é possível perceber que as camadas populares buscam mais a religião em suas movimentações políticas, por exemplo, a religião católica, as de origem africana ou as modernas seitas, como base social para mudança. Nesse processo, no caso do Brasil, sobressai

a peculiaridade e amplitude de atuação dos movimentos indígenas que conseguiram direitos especiais na Constituição Federal de 1988 (CF-88).

Ainda, de acordo com Gohn (2010), no período pós ditadura militar, no Brasil, especificamente, nos anos de 1990, os movimentos sociais passaram por uma crise. De meados da década de 80 até o final da década de 90, esses perdem visibilidade como ações contestatórias porque o Estado deixa de ser seu principal adversário e, não tendo um inimigo visível - ao qual até então dirigiam suas reivindicações-, os movimentos sociais se transformam e assumem novas demandas, localizadas no âmbito da sociedade civil. Esses já não objetivam tomar o poder do Estado, mas garantir direitos sociais.

Grupos subalternos observaram que deveriam se voltar para o seu sustento, não era mais possível só reivindicar direitos, mas lutar por sua inclusão na economia. Assim, sobressai, a questão do preconceito racial velado e se desvela a vivência da discriminação subliminar: salários mais baixos, empregos piores entre outros fatores dados aos negros. O conflito étnico-racial acirra-se e volta-se para uma luta com o Estado como uma tentativa de inclusão. Nesse processo, o Estado brasileiro inclui em sua agenda política e cria processos de institucionalização dos conflitos sociais; assim são criadas, no poder executivo, as secretarias da mulher e da igualdade racial, o que acaba por tornar as demandas inoperantes, tendo em vista que colocam lideranças desses movimentos sociais no governo. Ao mesmo tempo, os partidos políticos apresentam projetos políticos em comum com determinados segmentos populacionais e forçam agendas de determinados grupos no interior do Estado. Proliferam as denominadas “bancadas” evangélicas, de ruralistas, industriais entre outras, ao mesmo tempo em que novas estratégias de ação dos movimentos sociais passam a ser usadas, por exemplo, com o incremento dos meios de comunicação.

Dentro desse contexto, observa-se no movimento estudantil uma diversificação interna constante, não sendo mais possível afirmar que há um único movimento estudantil na Universidade de Brasília. Há diversas demandas que reúnem pessoas com objetivos em comum. Nesse sentido, há uma nítida mudança das demandas do movimento estudantil nesses anos recentes, antes e depois do período da ditadura militar. Ao que parece, no olhar dos estudantes de hoje, o movimento estudantil dos anos 1960 é mítico e a atuação dos estudantes a partir da década de 1990 está menos vinculada à política geral, à luta pela construção de uma nação, e mais preocupada com demandas como a formação profissional, com a qualidade de formação, liberdade de gênero, sexual etc. Na UnB-Ceilândia, observa-se a presença do

movimento Sem Campus, o qual será abordado mais adiante e o Aflora, que tem como objetivo inserir a discussão sobre liberdade sexual, de gênero e raça.

O próprio movimento estudantil do campus UnB-Ceilândia está sempre em constante mudança visto que os estudantes estão se renovando dentro das instituições de ensino, ou seja, novos entram e outros se formam e dão continuidade em suas respectivas profissões. Esses movimentos têm seus atores, em grande parte, constituído por jovens, mas nem por isso inexperientes no tocante à política e lutas sociais/econômicas. Sendo assim, a seguir, tem-se um apanhado de elucidações da trajetória dos Movimentos Sociais Estudantis, no Brasil, para em seguida, discutir como se insere movimento estudantil voltado para as melhorias na qualidade de ensino superior na Universidade de Brasília – Campus da Ceilândia.

## **2.1 O movimento estudantil na História do Brasil: momentos da história do Brasil em que os estudantes marcaram presença**

*1710 - Quando mais de mil soldados franceses invadiram o Rio de Janeiro, uma multidão de jovens estudantes de conventos e colégios religiosos enfrentou os invasores, vencendo-os e expulsando-os.*

*1786 - Doze estudantes brasileiros residentes no exterior fundaram um clube secreto para lutar pela Independência do Brasil. Alguns estudantes desempenharam papel fundamental para o acontecimento da Inconfidência Mineira.*

*1827 - Foi fundada a primeira faculdade brasileira, a Faculdade de Direito do Largo São Francisco. Este foi o primeiro passo para o desenvolvimento do movimento estudantil, que logo integrou as campanhas pela Abolição da Escravatura e pela Proclamação da República.*

*1897 - Estudantes da Faculdade de Direito da Bahia divulgaram, através de um documento escrito, as atrocidades ocorridas em Canudos (BA).*

*1901 - Fundação da Federação de Estudantes Brasileiros, que iniciou o processo de organização dos estudantes em entidades representativas.*

*1914 - Estudantes tiveram participação significativa na Campanha Civilista de Rui Barbosa, ocorrida em meados do século 20, e na Campanha Nacionalista de Olavo Bilac, promovida durante a 1ª Guerra Mundial.*

*1932 - A morte de quatro estudantes (MMDC – Martins, Miragaia, Dráusio e Camargo) inspirou a revolta que eclodiu na insurreição de São Paulo contra o Governo Central (Revolução Constitucionalista).*

*1937 - Criação da União Nacional dos Estudantes (UNE), a entidade*

*brasileira representativa dos estudantes universitários.*

**1952** - Primeiro Congresso Interamericano de Estudantes, no qual se organizou a campanha pela criação da Petrobras – “O Petróleo é Nosso”.

**1963/64** - Os estudantes foram responsáveis por um dos mais importantes momentos de agitação cultural da história do país. Era a época do Centro Popular de Cultura (CPC) da UNE, que produziu filmes, peças de teatro, músicas, livros e teve uma influência, que perdura até os dias de hoje, sobre toda uma geração.

**1964** - Em 1º de abril, o Golpe Militar derrubou o presidente João Goulart. A partir daí foi instituída a ditadura militar no Brasil, que durou até o ano de 1985. Neste período as eleições eram indiretas, sem participação direta da população no processo de escolha de presidente e outros representantes políticos. Os estudantes formavam uma resistência contra o regime militar, expressando-se por meio de jornais clandestinos, músicas e manifestações, apesar da intensa repressão.

**1968** - Em março, morre o estudante Edson Luís, assassinado por policiais no restaurante Calabouço, no Rio de Janeiro. No congresso da UNE, em Ibiúna, os estudantes reuniram-se para discutir alternativas à ditadura militar. Houve invasão da polícia, muitos estudantes foram presos, mortos ou desapareceram, evidenciando a repressão e a restrição à liberdade de expressão que eram características desse período. Em junho deste ano, ocorre a passeata dos Cem Mil, que reuniu artistas, estudantes, jornalistas e a população em geral, em manifesto contra os abusos dos militares. Em dezembro, durante o governo do general Arthur da Costa e Silva, foi assinado e decretado o Ato Institucional número 5 (AI-5) que cassou a liberdade individual, acabando com a garantia de Habeas Corpus da população.

**1979** - As entidades estudantis começam a ser reativadas. Acontece a primeira eleição por voto direto na história da UNE, quando é eleito o presidente baiano Rui César Costa e Silva.

**1984** - “1,2,3,4,5 mil. Queremos eleger o presidente do Brasil!!!” Diretas Já! – movimento da população, com participação fundamental dos estudantes e dos políticos progressistas, para a volta das eleições diretas para presidente no Brasil. O congresso votou a favor das eleições indiretas e Tancredo Neves foi nomeado presidente para o próximo mandato (a partir de 1985). Ficou decidido que as próximas eleições, em 1989, seriam diretas. Depois de 34 anos de eleições indiretas Fernando Collor de Melo é eleito presidente.

**1992** - Acontecem sucessivas manifestações nas ruas contra a corrupção no governo, dando início ao movimento de estudantes chamado “Caras Pintadas”, que resultou no Impeachment do então Presidente da República, Fernando Collor de Melo.

**2003** - Movimento passe livre (MPL), desencadeado por estudantes teve origem em 2003, cuja principal bandeira é a tarifa zero no transporte público, surgiu em Salvador, capital da Bahia. Milhares de jovens, estudantes e trabalhadores fecharam as principais vias públicas da cidade

*para protestar contra o preço dos ônibus, evento que ficou conhecido como “Revolta do Buzu” e deu origem ao documentário de mesmo nome dirigido por Carlos Pronzato.*

(Caderno grêmio em forma – Sou da Paz pág. 9-11)

No final da manhã do dia 13 de setembro de 2011, os estudantes da Faculdade da Ceilândia da UnB ocuparam a reitoria da Universidade de Brasília com o intuito de pressionar os gestores da Universidade para finalizarem a construção do novo campus na cidade de Ceilândia. Essa agenda é uma demanda do Movimento Estudantil Sem Campus. O termo “ocupação” passou a ser uma palavra de ordem nos movimentos estudantis, principalmente, universitários que, de acordo com os estudantes, eles ocupam as reitorias, mas não as invadem como acusavam alguns. Ocupar significa se instalar ou tomar algo que acreditam lhes pertencer como um bem público. Várias reitorias no Brasil foram ocupadas por movimentos estudantis como forma de pressionar por demandas variadas na área de educação.

Vale enfatizar que ao mesmo tempo em que a mídia brasiliense noticiava a ocupação da reitoria, a mídia mundial trazia em suas manchetes notícias sobre a Primavera Árabe. Jovens na Tunísia desencadeavam uma revolução denominada Primavera Árabe que teve seu início em final de dezembro de 2010 e começo de 2011. Em dezembro de 2010, um jovem tunisiano, desempregado, ateou fogo ao próprio corpo como manifestação contra as condições de vida no país. Esse foi o estopim que marcou o início dessa revolução. O jovem Mohamed Bouazizi vivia com sua família da venda de frutas e teve os seus produtos confiscados pela polícia por se recusar a pagar propina. Extremamente revoltado com essa situação, Bouazizi ateou fogo em seu próprio corpo, marcando um evento que abalou a população de todo o país e que fomentou a concretização da revolta popular. Seu ato desesperado, que terminou com a própria morte, seria o pontapé inicial do que viria a ser chamado de Primavera Árabe. Protestos se espalharam pela Tunísia, levando o presidente Zine el-Abdine Ben Ali a fugir para a Arábia Saudita dez dias depois. O ditador estava no poder desde novembro de 1987. E como um efeito cascata, as revoluções seguiram pelos países da Líbia, Egito, Argélia, Síria, Bahrein, Marrocos, Iêmen, Jordânia e Omã (fonte: [www.brasilecola.com](http://www.brasilecola.com)).

Castells (1999) pode auxiliar a estabelecer a relação entre esses movimentos sociais, mantidos, principalmente, por jovens. Esse autor usou o conceito de sociedade em rede para caracterizar a estrutura social emergente na era da informação, substituindo gradualmente a sociedade da era industrial. De acordo com o autor, a sociedade em rede é global, mas com

características específicas para cada país, de acordo com sua história, sua cultura e suas instituições. Trata-se de uma estrutura em rede como forma predominante de organização de qualquer atividade que não surge por causa da tecnologia, mas devido a imperativos de flexibilidade de negócios e de práticas sociais, mas sem as tecnologias e redes de comunicação ela não poderia existir. Tal conceito passou a caracterizar quase todas as práticas sociais, incluindo a sociabilidade, a mobilização sociopolítica, baseando-se no uso da Internet. Os jovens estudantes do movimento Sem Campus fizeram uso dessa ferramenta na sua organização que culminou com a ação política de ocupar a reitoria assim como os jovens árabes na divulgação mundial e organização entre eles para a derrubada de governos autoritários.

As redes sociais são elementos que fazem parte do universo dos jovens e vêm auxiliando-os nas suas mobilizações. Assim, parece que esta é a nova forma de mudança social na sociedade em rede. Se a sociedade em rede se caracteriza por funcionar em redes informáticas telecomunicadas em todos os âmbitos sociais desde as empresas às amizades ou ao ensino, é normal que os movimentos sociais também se expressem na rede. E, por estar na rede, são muito mais autônomos e difíceis de reprimir. Conforme veremos na próxima seção, as redes sociais auxiliaram na organização do movimento estudantil na Ceilândia.

### **3. METODOLOGIA**

Esta pesquisa é definida como qualitativa, está baseada no método etnográfico, que é o mais usado nos estudos dos contextos sociais, das relações sociais, dos entendimentos e representações sobre as relações mantidas e imaginadas por grupos e culturas humanas. Tal método é usado quando se pretende descrever em profundidade determinadas culturas e a relação entre as teorias sociais e a realidade cultural (GEERTZ, 1998). Com tal método, o observador tem como objetivo descrever o mais fielmente possível o observado, sendo que o observado pode ser tanto o local, quanto os atores envolvidos e suas falas, a fim de se atingir a compreensão total, tanto explícita, como implícita do caso a ser estudado.

Segundo Minayo et al. (1994), em uma pesquisa qualitativa, o trabalho de campo se apresenta como uma possibilidade de se conseguir ir além de uma aproximação com o que desejamos conhecer e estudar, pois também visa a criação de um conhecimento a cerca do tema, partindo da realidade presente no campo. Ainda, segundo Minayo et al.(1994), é necessário que o pesquisador não entre em campo querendo confirmar tudo que já tinha em

pensamento, mas sim que esteja aberto a compreender novas revelações, pois no trabalho de campo as inquietações que nos levam ao desenvolvimento de uma pesquisa nascem no universo do cotidiano, ou seja, o que atrai na produção do conhecimento é a existência do desconhecido. Sendo assim, este trabalho teve o cuidado de se atentar para o que era relevante para os sujeitos da pesquisa e estruturou a análise dos dados a partir dos dados que foram enfatizados pelos sujeitos.

A observação acurada em campo e entrevistas são algumas das técnicas de pesquisa deste método, que foram utilizadas para esta pesquisa. Além disso, também, foram realizadas coleta de documentação, imagens e escritos que foram produzidos pelos estudantes que compõem o movimento estudantil Sem Campus.

Desse modo, este presente trabalho será realizado com os estudantes que participaram/participam do Movimento estudantil Sem Campus e com professores do Campus da Ceilândia – UNB. Esses foram selecionados na busca de uma compreensão clara de como se deu a efetiva implantação do campus na Ceilândia, com o olhar de quem esteve presente nos vários acontecimentos, sejam eles os manifestos, as reuniões, negociações com instâncias superiores entre outros que poderão aparecer no desenrolar das entrevistas. Portanto, foram selecionados quatro estudantes que tiveram a frente do movimento - antes chamado de Movimento dos Sem Campus e depois, na época que houve a ocupação da reitoria, denominado Sem Campus. E, também, quatro professores que participaram das manifestações juntamente com os estudantes. Será mantido o sigilo dos nomes dos participantes desta pesquisa.

#### 4. O RITO DE PASSAGEM: a ocupação da reitoria e a construção do Movimento Estudantil SEM CAMPUS

*Prazer, eu sou a indignação.*

*Washington Dourado*

*Olá, eu me chamo indignação*

*Porém meu nome nem sempre foi assim;*

*Eu era o sonhador:*

*Pois sempre sonhei em estudar numa Universidade Federal.*

*Eu era a felicidade:*

*Porque depois de muito esforço passei no vestibular.*

*Porém, ao encarar a realidade;*

*De frustração começaram a me chamar.*

*Sou estudante de farmácia, fisioterapia, saúde coletiva, terapia ocupacional e enfermagem.*

*Sou estudante da UnB Ceilândia, fruto de uma expansão.*

*Estudo em locais provisórios, e ao mesmo tempo sou três:*

*Divido-me entre a ETC, centro 4 e UED e faço isso com toda compreensão.*

*Não tenho laboratório, restaurante ou espaço para lazer;*

*Muito pelo contrário, estudo em salas lotadas me esforçando ao máximo para aprender.*

*Convivo com três anos de promessas não cumpridas;*

*E dez adiamentos de conclusão.*

*Talvez agora você perceba O motivo de eu me chamar indignação.*

*Para aqueles que ainda não sabem quem eu sou;*

*Vou me apresentar sem nenhuma contenção:*

*Sou 1.500 estudantes à procura de uma solução.*

*Pois, enquanto o magnífico reitor tem a sua reitoria para cumprir seu ofício;*

*E o excelentíssimo governador tem o seu palácio para poder governar;*

*Eu e meus 1.499 colegas ainda estamos **sem campus** para podermos estudar.*

*Assim, termino essa poesia, que ainda não tem um fim...*

*Washington Dourado, estudante da UnB-Ceilândia.*

Em agosto de 2008, as primeiras turmas dos cursos da Faculdade da Ceilândia, começaram suas aulas, eram estudantes dos cursos de Enfermagem, Farmácia, Fisioterapia, Saúde Coletiva e Terapia Ocupacional. A UnB estava localizada em instalações provisórias no Núcleo de Práticas Jurídicas (NPJ), da UnB. Neste núcleo professores e estudantes do curso de direito da UnB, prestam serviços de consultoria, assessoria e assistência a pessoas com renda mensal de até três salários mínimos. O NPJ era formado por duas salas que eram

dividas por dois turnos, matutino e vespertino, duas turmas em cada turno, e estava situado em frente a principal avenida da Ceilândia, a Hélio Prates. Mas devido ao barulho e instalações precárias, os estudantes iniciaram suas reivindicações. Assim, reuniram-se e fizeram a sua primeira forma de protesto nas ruas da cidade, ocuparam a Avenida Hélio Prates, principal via da cidade de Ceilândia, pararam o trânsito que fica em frente ao NPJ no dia 29 de Outubro de 2008, em uma tentativa de mostrar que a UNB estava presente na Ceilândia, mas em condições adversas. Após esse evento, foram informados que a inauguração do Campus estava marcada para o início de 2009, o que não aconteceu. No entanto, foram transferidos para o Centro de Ensino Médio (CEM) 04, no bairro da Guariroba, em Ceilândia. A Escola Técnica da Ceilândia (ETC) próxima do CEM 04 também serviu como instalações para salas de aula. Por conseguinte, em condições ainda precárias com falta de sala de aula e, principalmente, com uma atmosfera que se remetia e relembra o tempo do ensino médio, que se externalizava na ausência de um bandeirão (restaurante universitário), de uma biblioteca ampla, da divulgação de peças de teatro, shows de música, e realização de performances e outras dimensões da vida em um campus universitário, os estudantes se sentiam ainda no tempo e espaço que viviam antes do vestibular. Assim, iniciaram suas mobilizações na Ceilândia, mas essas ainda não se configuraram em ações do Movimento Sem Campus, foi com a ocupação da reitoria, como um rito de passagem, que tal movimento se consolidou. Desde 2008, os estudantes ouviram promessas que afirmavam que o novo campus seria entregue no ano seguinte, foi assim em 2008, em 2009 e em 2010 nesse período foram marcadas mais de 10 datas para a entrega do campus. Desse modo, próximo a saída das primeiras turmas da FCE-UnB, que se formariam no primeiro semestre de 2012, eles se organizaram para ir até a reitoria e cobrar uma posição do reitor a respeito de tudo que vinha acontecendo.

De acordo com DaMatta (2011), a noção de rito de passagem descrita por Van Gennep não resolve a vida social, mas sem ele a sociedade humana não existiria como algo consciente, uma dimensão a ser vivenciada e não simplesmente vivida. Assim, as cerimônias não são apenas etapas de um ciclo que se deseja marcar ou revelar, mas é um elemento crítico quando todo o sistema passa por um período especial, invertendo, neutralizando ou reforçando a realidade cotidiana. A ocupação da reitoria acabou tomando essa forma na vida dos universitários da Faculdade da Ceilândia. Vivendo uma rotina que os fazia se remeterem ao nível médio, eles se inseriram e se sentiram como estudantes da Universidade de Brasília quando ocuparam a reitoria e se viram diante de variados grupos estudantis da UnB e no

centro da gestão da UnB. Passaram a interagir e observar outros movimentos estudantis universitários que utilizavam do mesmo mecanismo para apresentarem suas demandas, isto é, a ocupação da reitoria. Desse modo, parar o trânsito na principal avenida da Ceilândia ou concentrarem suas mobilizações políticas na Ceilândia não os transformaria, nem por alguns instantes, em estudantes universitários, mas ocupar a reitoria seria uma forma de se inserir nessa nova realidade estudantil.

A preparação para a ida a reitoria se deu por meio de trocas de e-mails que visavam organizar as reuniões do movimento, que de acordo com um estudante, eles deveriam enfatizar a sigla para se assemelhar com o movimento MST (Movimento Sem Terra). A ida para a reitoria foi marcada para o dia 13 de setembro de 2011. Várias reuniões de formação política foram realizadas para compreender a conjuntura da atual situação que estavam passando e projetar o futuro e os caminhos que deveriam percorrer enquanto estudantes da UnB. Nas que antecederam a ocupação, foram listadas as demandas dos estudantes da FCE-UnB. Ocorreram divisões de tarefas para a organização do movimento como, por exemplo: passar uma caixinha para arrecadação de dinheiro para as produções daquele grupo, como o mural da indignação que servia para qualquer um acrescentar alguma informação ou forma de externalizar o que sentia com aquela maneira que éramos tratados; ir até a direção da FCE em busca de notícias; divulgar o MSC para a comunidade da FCE por meios eletrônicos e na própria faculdade; convocar os estudantes interessados em participar; entre outras.

As assembleias estudantis que, aconteciam na FCE, era um espaço mais amplo de discussão que servia também para saber se o grupo que se reunia semanalmente estava legitimado pela base. Nelas os estudantes levavam pontos para discussão. Também, eram momentos para escutar estudantes que poderiam ter novos ou até mesmo acrescentar àquelas demandas que já estavam em pauta. Essas assembleias tiveram início em 2009. Foi decidido em reuniões algumas estratégias que ajudariam na ida de um número maior de estudantes até a reitoria, entre elas estavam proibir a entrada de estudantes e professores na FCE-UnB, conseguir ônibus para levar os estudantes, fazer oficina de cartazes na porta da faculdade. Como o MSC não tinha nenhum tipo de financiamento fizeram parcerias com outros movimentos sociais e sindicatos que sensibilizaram com a causa. Ajudando no custeio de dois ônibus para levar parte dos estudantes até a reitoria.

**Foto 1** – Aviso de não aula e ida para a reitoria.



Fonte: Hugo Costa/UnB Agência.

**Foto 2** - Estudantes barram entrada de professores e de outros estudantes.



Fonte: Hugo Costa/UnB Agência.

Da Faculdade da Ceilândia, aonde os estudantes iriam se concentrar e se organizar, eles iriam reunidos até a reitoria da UnB. Seguiram de carona solidária, ônibus e metrô. A concentração dos estudantes no Campus Darcy Ribeiro aconteceu em frente ao Beijódromo, nas proximidades da reitoria. Alguns professores estavam presentes. Nesse local, após algumas falas de representantes dos estudantes, começaram ensaios de gritos de ordem, como:

*“Quem não pula tá satisfeito, quem não pula tá satisfeito, quem não pula tá satisfeito”, “Nas ruas, nas praças quem disse que sumiu aqui está presente o movimento estudantil”, “Arerê na Ceilândia também tem UnB”, “ôooo FCE voltou, ôooo FCE voltou, ôooo FCE voltooooo”, “Dinheiro do povo não é capim, eu quero meu campus, sim! Eu quero, eu quero, eu quero meu campus, sim!”* entre muitos outros.

**Foto 3** – Concentração no Beijódromo.



Fonte: ADUnB.

E alguns estudantes continuavam a confeccionar cartazes e realizar pintura de rostos. Quase todos estavam vestidos com camisetas pretas escritas em branco Sem Campus. Ao todo eram, aproximadamente, 400 estudantes.

**Foto 4** – Estudantes em luta: Em busca de um ensino superior com uma estrutura adequada.



Fonte: Alexandra Martins/UnB Agência

Do Beijódromo, os estudantes seguiram pelo Instituto Central de Ciências Sul (ICC Sul), conhecido como Minhocão, onde iniciaram a caminhada. Passaram pelo ICC Norte, retornaram e desceram para o prédio da Reitoria. Ao longo do caminho cantavam e gritavam palavras de ordem. Ao chegar à Reitoria, subiram a rampa que leva até o gabinete do reitor que fica no terceiro andar. Outros movimentos estudantis da UnB, estavam presentes, neste momento, quando subiram a rampa da reitoria. Em frente ao hall de entrada para o Gabinete do reitor, ocorreu um atrito entre estudantes que vinham à frente e seguranças e também decanos que já estavam a postos na frente da porta da reitoria esperando-os. Após um empurra-empurra um pedaço da parede e porta, que eram de MDF, cederam e assim alguns estudantes entraram até a porta do gabinete do Reitor enquanto outros adentravam o Salão de Atos, uma sala de reuniões próxima ao gabinete, e outros permaneciam nas rampas de acesso. A situação ficou tensa entre estudantes, seguranças e decanos, alguns estudantes da FCE-UnB conseguiram apaziguar os ânimos e observaram que outros estudantes de outros movimentos estudantis do campus Darcy aproveitaram da situação para tentar ocupar o gabinete do reitor. Os estudantes se instalaram no Salão de Atos, o que se configurou na ocupação da reitora e permaneceram no local por 11 dias. Vale enfatizar que a ocupação da reitora por esse período não havia sido combinada entre o grupo, mas a situação se encaminhou para o ponto em que os estudantes só sairiam da reitoria quando suas demandas fossem ouvidas e resolvidas. Assim, decidiram que só sairiam de lá quando conseguissem encaminhar suas demandas em uma mesa de negociação. Todos os dias foram marcados por reuniões, debates entre o movimento estudantil e negociações com o reitor e decanos. Ao final de cada dia se fazia uma análise dos avanços ou não nas negociações e quais caminhos poderiam ser traçados e estratégias a serem seguidas.

**Foto 5** – Entre uma assembleia e outra.



Fonte: ADUnB.

Somente nesse período inicial, as representações ou lideranças do movimento começaram a surgir, os quais passaram a ser porta-vozes e canal de comunicação entre o grupo e os gestores. Essas lideranças estudantis eram aqueles com maior poder de decisão e que se mostravam mais independentes com relação a outros movimentos e opiniões e sabiam se posicionar e negociar com os gestores. Depois do caloroso embate as coisas foram ficando mais calmas dando lugar às negociações. E, então, os estudantes começaram a ser ouvidos, de acordo com os entrevistados, foi dada a atenção devida àquele movimento. No entanto, antes de chegarem às mesas de negociações, ocorreram tentativas de criminalização do movimento na visão dos estudantes que redigiram a seguinte nota em resposta:

***Nota contra a criminalização do Movimento Estudantil na UnB***  
*Movimento SEM CAMPUS*

*Os estudantes da Faculdade de Ceilândia (FCE) e de todos os campi da UnB, que compõem o “Movimento Sem Campus” e que desde o dia 13 de setembro ocupam a reitoria da universidade com o intuito de obter uma resposta e posicionamento concretos da administração no que diz respeito à*

*conclusão das obras do campus de Ceilândia, vêm manifestar, através dessa nota, todo o seu repúdio e indignação diante da tentativa deliberada da reitoria de criminalizar o movimento estudantil.*

*Como todos sabem, o prazo estabelecido para entrega das obras do campus da FCE-UnB está prestes a completar três anos de atraso. Durante todo esse período, os estudantes, professores e técnicos da Universidade tiveram que conviver, trabalhar e desenvolver suas atividades acadêmicas em espaços inadequados e sem a mínima estrutura. Esse também foi um período de grande organização e atuação do movimento estudantil de Ceilândia, que com o apoio dos estudantes de todos os Campi da UnB, promoveu intensa luta, sempre procurando encontrar uma solução para o problema. Diante do constante descaso e falta de compromisso por parte da administração da universidade, os estudantes resolveram fortalecer ainda mais as suas manifestações, e a atual ocupação já é a segunda protagonizada pelo movimento em menos de três meses.*

*No processo que garantiu a mais recente ocupação da reitoria, os estudantes entraram em confronto com seguranças e outros funcionários (decanos e assessores), que ali estavam para impedir o ato legítimo do movimento. A administração vem tentando, através de uma enxurrada de mentiras propaladas através da SECOM e com declarações falaciosas, criminalizar e culpar os estudantes pelo ocorrido.*

*Quando chegamos ao prédio da reitoria, como dito acima, já havia sido montado pela administração um aparato de repressão instruído a barrar a entrada dos estudantes a qualquer custo. A universidade foi capaz de se valer do absurdo de recrutar guardas patrimoniais e funcionários da administração para reprimir os estudantes. O confronto só ocorreu porque fomos reprimidos e impedidos de entrar em um espaço que é nosso. Nenhum estudante que se envolveu no confronto o fez por desejo, por fúria individual ou agiu com violência gratuita.*

*Não iremos permitir que a administração da universidade utilize esse fato para criminalizar, punir ou perseguir quem quer que seja. Nosso movimento não aceitará a tentativa da reitoria de nos dividir e nos enfraquecer. Reiteramos nosso posicionamento e deixamos claro que não negociaremos essa questão. Nenhuma punição acadêmica, administrativa ou judicial ao movimento estudantil que exerce seu direito legítimo de lutar por melhores condições de ensino e por uma universidade que esteja à altura das necessidades do nosso povo!*

***Movimento SEM CAMPUS***

***Movimento Estudantil da Universidade de Brasília***

A partir desse momento, então, começaram também as preocupações com alimentação, o revezamento de estudantes e outros pontos para se efetivar a ocupação, pois foram 11 dias e 10 noites de negociação. No primeiro dia, houve uma conversa entre estudantes e a Administração da Universidade, entretanto, estava anoitecendo e ainda não se tinha nem começado a discutir toda a pauta de demandas. Então, alguns estudantes já começaram a se organizar para tomar banho e conseguir alimentação, pois eles avaliaram que

deveriam passar a noite por ali. Alguns tomaram banho em torneiras ao redor da reitoria e outros na ducha sanitária dos banheiros do Salão de Atos. E muitos estudantes foram para suas casas se preparar, pois, no dia seguinte, haveriam mais conversas. E assim foram os 11 dias e 10 noites de ocupação da reitoria pelos estudantes da FCE, alguns ficaram dia e noite por lá e outros passaram somente o dia e a noite retornavam para suas casas. Segue a pauta que foi construída pelos estudantes com suas demandas e apresentadas no primeiro dia:

- 1. Pelo rompimento imediato com a construtora Uni Engenharia de forma jurídica. E que nos sejam apresentadas garantias legais de não participação do novo processo licitatório.*
- 2. Por um contrato emergencial após o término do contrato com a atual empresa Uni Engenharia, para o término da construção do prédio UAC.*
- 3. Que as obras no UAC aconteçam em dois turnos, diurno e noturno, garantidos no edital de licitação para o novo contrato para o término do prédio.*
- 4. Que a UnB seja responsável pelo custeio de materiais necessários para conclusão do prédio UED e o compromisso com a data de entrega.*
- 5. Que nos seja apresentada uma cópia do contrato que estabelece que os dois prédios, UAC e UED, são de responsabilidade do GDF.*
- 6. Pela entrega do prédio MESP na data prevista, com duplicação do efetivo de trabalhadores na obra e aumento da carga horária para dois turnos.*
- 7. Revitalização imediata em volta do campus definitivo com a retirada do lixo.*
- 8. Pela urbanização do estacionamento ao lado de fora do campus provisório e garantia de segurança do mesmo.*
- 9. Pela aquisição imediata de novas mesas e cadeiras.*
- 10. Pela não abertura de nenhum outro curso de Graduação, Especialização, Pós-Graduação, Mestrados ou Doutorados. E não aumento do número de vagas dos cursos já existentes na FCE enquanto os prédios UAC, UED e MESP não estiverem em pleno funcionamento.*
- 11. Pela oferta da disciplina de Libras no Campus da FCE no 1º de 2012, fora do horário de almoço.*
- 12. Que a quantidade de funcionários definidos pelo comitê de ética da greve dos servidores contemple todos os campi.*

*13. Por uma assistência estudantil ampla e digna que atenda as necessidades dos estudantes:*

*- A construção da Casa do Estudante Universitário na proximidade dos Campi. Enquanto não for construída, que a UnB se responsabilize pelo aluguel de casas nas proximidades do campus destinadas aos estudantes.*

*- Total apoio do corpo docente da direção em relação às atividades estudantis e aos atos prol da melhoria das condições da FCE.*

*-Que as atividades acadêmicas sejam paralisadas enquanto houver permanência dos estudantes na reitoria.*

*Exigimos uma reunião imediata com o Reitor da UnB, secretário de obras do GDF e governador Agnelo Queiroz, assistida pelo MPF, PG da República(oficialmente), juntamente com os professores e estudantes da Faculdade de Ceilândia para que nos sejam apresentadas garantias legais e jurídicas de cada ponto desta carta.*

*Carta aprovada em assembleia estudantil e pelos CAS da Faculdade de Ceilândia da Universidade de Brasília.*

Os técnicos da reitoria solicitaram que fosse incluída na pauta de negociação a possibilidade de trabalharem plenamente, segue carta dos técnicos da reitoria:

***Nota dos trabalhadores da Reitoria***

*Trabalhadores do Gabinete do Reitor*

*Nós, trabalhadores do Gabinete do Reitor, reconhecemos o direito do movimento dos alunos da UnB – Faculdade de Ceilândia. Porém, queremos ver mantido o direito de desempenharmos nossas atividades administrativas, que também são o suporte necessário para avançar nas negociações que vêm sendo realizadas pela Reitoria com a FCE e o GDF.*

*Para tal, é necessário que seja liberado o espaço físico interno do Gabinete e que sejam mantidas as condições de trabalho para a execução dessa atividade, preservando um ambiente salubre.*

*Diante do exposto, consideramos importante que esse assunto seja pautado junto ao espaço de negociação entre a Reitoria e o comando de ocupação.*

*Brasília, 19 de setembro de 2011.*

Fonte:<http://www.unb.br/noticias/unbagencia/artigo.php?id=448>  
acessado às 12:07 26/10/2013

**Foto 6** – Porta de entrada da reitoria.



Fonte: ADUnB.

A pauta de discussão foi encaminhada para os gestores, logo se instalaram as mesas de negociações. A carta do reitor para a comunidade acadêmica revela como estavam as discussões:

***CARTA DO REITOR DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA: DIÁLOGO PELO CAMPUS DE CEILÂNDIA***

*José Geraldo de Sousa Júnior*

***Sexta-feira, 16 de setembro de 2011.***

*Os estudantes de Ceilândia ocupam o Salão de Atos da Reitoria há três noites. Passada a tensão inicial da ocupação e as primeiras rodadas de negociação realizadas por minha equipe, sinto-me na responsabilidade de esclarecer a comunidade sobre nossa proposta de acordo e de apelar ao bom senso dos vários atores que protagonizam o movimento.*

*Reitero a justiça da pauta inicial de reivindicação dos estudantes e reconheço que as atuais condições de trabalho em Ceilândia estão no seu limite. Porém, as instalações são provisórias. O novo campus nasceu de uma parceria entre a UnB e o GDF para a expansão da universidade nas cidades do DF, incumbindo-se o governo de construir dois prédios.*

*Quero o campus de Ceilândia em pleno funcionamento como todos os alunos, professores e técnicos. Não ganho nada com o atraso nas obras. Mas é uma realidade que não correspondeu às nossas expectativas e com a*

*qual temos que lidar. É nesse sentido que peço que cada um reflita sobre o que estamos propondo aos estudantes.*

*A pauta inicial dos alunos tinha 13 itens. Construímos o entendimento sobre 12. Todos os aspectos relacionados à conclusão das obras foram atendidos para garantir no menor prazo possível as plenas condições de ensino, pesquisa e extensão na FCE.*

*A Universidade propôs ao GDF romper o contrato com a empresa que fazia a obra e assumir a execução de um dos prédios. Também solicitei ao GDF que o outro prédio seja construído em regime de urgência. No final da tarde de hoje, recebi documento do secretário de Obras do GDF formalizando o aceite à proposta da Universidade.*

*A conclusão dos prédios, eu acredito, é o principal tema da pauta inicial dos estudantes. Dela, resta uma pendência: a apuração das responsabilidades por agressões físicas e danos ao patrimônio público ocorridos na manhã de terça-feira. Todos sabem que sou um defensor da negociação e da tolerância. Não criminalizo o movimento estudantil, reconheço sua legitimidade e sua história de lutas. O próprio movimento afirma que não se reconhece na agressão.*

*Pois bem, da pauta inicial essa é a única pendência. Mas na quinta-feira, surgiu um novo pleito proposto pelo Conselho da Faculdade de Ceilândia e acolhido por estudantes e professores. Trata-se da suspensão do vestibular até que todos os prédios do novo campus estejam prontos. Não posso concordar com isso.*

*O vestibular é uma conquista da comunidade de Ceilândia e um compromisso histórico da UnB, assumido pelo Conselho Universitário para a ampliação do acesso ao ensino público.*

*Compreendo, no entanto, a intenção de evitar que as aulas continuem em instalações provisórias no próximo semestre. Por isso, minha proposta é discutir a questão de forma realista em função do estágio das obras antes do início do próximo semestre. Continuarei a fazer todo o possível para que, até lá, Ceilândia tenha seu campus em plenas condições de funcionamento. Seguirei praticando o diálogo sincero e fraterno com todos que defendem o crescimento e a consolidação dos quatro campi da Universidade de Brasília.*

***José Geraldo de Sousa Júnior***  
***Reitor da UnB***

Durante esse período, muitos professores apoiaram o movimento dos estudantes. A instância máxima, deliberativa da FCE, o Conselho Pleno da FCE, aderiu ao movimento e, ainda, apoiou uma das demandas mais polêmicas dos estudantes, que foi a suspensão do primeiro vestibular de 2012. Essa reunião do Conselho Pleno foi um momento importante, os estudantes tinham como ideia inicial tratar da ocupação e discutir a não criação de mais um curso, o de fonoaudiologia, naquela faculdade enquanto não entregassem os prédios. Entretanto, em meio a horas de discussões levantou-se a ideia de levar a proposta de

suspensão da realização do vestibular de 2012 até que os prédios do campus definitivo fossem entregues. Essa demanda por suspender o vestibular surgiu em uma discussão entre professores e estudantes. Tal demanda foi apresentada ao Conselho da Universidade (CONSUNI) pelo Conselho Pleno da FCE. Outros professores da UnB se manifestaram contra essa decisão, como revela a carta a seguir:

***A UnB é para todos!***

*Remi Castioni e Mariza Monteiro Borges*

*O Brasil demorou 509 anos para assegurar que o dever do Estado para com a Educação é extensivo a todos com idade entre 4 e 17 anos. Esse direito foi assegurado pela Emenda Constitucional N. 59/2009 e passará a vigor a partir de 2016.*

*Infelizmente o acesso ao ensino superior continua sendo um sonho distante, principalmente para as populações menos favorecidas. Em Brasília, por exemplo, existe a maior cobertura do País de ensino superior para a faixa etária dos 18 aos 24 anos entre todas as unidades federadas. A taxa líquida de escolarização no Distrito Federal para essa faixa etária é de 25%, contra uma média nacional de 11%. Entretanto, somente 14% dos matriculados no Distrito Federal no ensino superior pertencem a matrículas públicas, enquanto a média nacional é de 25%. No que se refere à oferta de vagas para a educação superior no Distrito Federal, 90% são oferecidas pelas instituições privadas.*

*Esse debate esteve no centro da discussão ao longo dessa semana pelo movimento de estudantes e professores da UnB Ceilândia, que incluiu na sua pauta de reivindicações a suspensão do vestibular para ingresso em 2012 naquela unidade acadêmica.*

*Os motivos que levaram a decisão foram os prédios inacabados da região Administrativa da Ceilândia, fruto da relação entre o Governo do Distrito Federal e a UnB. A divisão de competências entre cada instituição é obscura. Entretanto, os recursos tanto da primeira expansão, que deu origem aos campi do Gama, de Planaltina e da própria Ceilândia, como os provenientes do Reuni que deveriam estar sendo utilizados estão na tesouraria da UnB desde 2008 e inscritos em Restos a Pagar.*

*Nesse sentido é preciso ter claro que a agenda de acesso ao ensino superior só tem sentido se houver o envolvimento da população, principalmente, daqueles que não podem pagar as mensalidades da rede privada. Interditar o direito de acesso ao ensino superior da região mais populosa do Distrito Federal é jogar em sentido oposto ao que foi o desejo da população durante anos. Além de ir contra o projeto de universidade que amplia o acesso e a permanência de milhares de jovens que tem de pagar mensalidades de pretensas universidades, como as que surgiram na região da Ceilândia após o anúncio da chegada da UnB.*

*É preciso deixar claro que uma coisa é a incapacidade administrativa dos gestores da universidade. Outra é interditar o acesso à universidade de contingente considerável da população do Distrito Federal. A confusão*

*entre elas pode servir aos grupos oportunistas, que tem como único objetivo invadir Reitorias em nível nacional e que se valem do seu pretenso vanguardismo para mostrar que somente suas bandeiras são corretas.*

*Numa outra direção se juntam projetos pessoais, que se amalgamam aos mesmos objetivos dos ditos vanguardistas, como os manifestados no ADUnB Informa do dia 14 de setembro, intitulado “Eu Estava Lá” (em anexo). Tal união de interesses serve muito bem para semear confusão e, principalmente, desviar do foco principal, do que deveria ser o real objetivo do movimento, que é exigir o cumprimento do que no passado foi pactuado, inclusive com a população de Ceilândia. Não se pode ter um movimento que valoriza a universidade sem a população a seu favor.*

*Nós, diretores da ADUnB, viemos manifestar nossa total discordância com relação aos episódios da última semana. Repudiamos qualquer tipo de violência, seja física ou moral. Não havia motivo algum para estudantes estarem conduzido instrumentos como para uma guerra fossem. Somos solidários com o nosso colega e filiado a ADUnB, professor Eduardo Raupp, que covardemente foi agredido por supostos vanguardistas.*

*Fazemos um apelo aos nossos colegas para que, com serenidade e tranquilidade, conduzam a ADUnB com um projeto plural que inclua a todos, e que contribua para o fim das agressões físicas e morais na UnB.*

**Remi Castioni**

*Secretário-geral da Associação dos Docentes da Universidade de Brasília (ADUnB)*

**Mariza Monteiro Borges**

*2ª vice-presidente da Associação dos Docentes da Universidade de Brasília (ADUnB)*

Fonte: <http://www.unb.br/noticias/unbagencia/artigo.php?id=446>  
acessado às 12:06 26/10/2013

Foi instalado um conflito que se encaminhou por meio da mídia e o serviço de comunicação da UnB. Além disso, lideranças do MOPUC foram à reitoria se posicionar contra a demanda de suspender o vestibular. De acordo com os estudantes, muitos professores falaram para os jovens, palavras de apoio e outros, vinculados a partidos políticos e com pretensões de serem reitores, aproveitaram da situação para se posicionarem. Os professores da FCE escreveram a seguinte carta como respostas às notícias e opiniões que eram transmitidas:

### **NOTA PÚBLICA**

*Corpo Docente da UnB/FCE*

*O corpo docente da Faculdade de Ceilândia (UnB/FCE) vem por meio desta tornar pública sua indignação frente às matérias publicadas pela Secretaria de Comunicação (SECOM) no site da UnB e frente às declarações dos representantes da Administração Superior desta Universidade em assembleia com os discentes da UnB/FCE após parecer favorável do Conselho Pleno da UnB/FCE a respeito da recomendação de que não haja a*

*entrada de novas turmas nos cursos já existentes até que o Campus definitivo esteja em plenas condições de funcionamento.*

*Tanto os docentes quanto os discentes da UnB/FCE sabem da importância desta unidade acadêmica para a comunidade de Ceilândia e da responsabilidade da UnB/FCE perante essa comunidade, até porque professores e alunos sentem-se parte dela.*

*Atribuir a suspensão do vestibular a uma decisão do Conselho Pleno da UnB/FCE sem explicitar as razões é uma tentativa de desviar o foco do movimento estudantil apoiado pelos docentes da UnB/FCE, que é a entrega do Campus definitivo em plenas condições de uso.*

*Como foi debatido na reunião do Conselho Pleno da UnB/FCE, é muito doloroso para professores e alunos de uma Instituição Federal de Ensino Superior se posicionarem a favor da não entrada de novos alunos, uma vez que o ingresso em uma Universidade pública envolve o sonho de vida das pessoas. Porém, há de se pensar na responsabilidade de que esse sonho de se ingressar no ensino superior tenha a garantia de infraestrutura adequada para as condições de trabalho que, por sua vez, assegurem um ensino de qualidade para que, assim, os sonhos dos ingressantes não sejam desfeitos, tal como foram os de muitos alunos que já ingressaram na UnB/FCE.*

*Depois de três anos de espera, promessas não honradas e trabalho acadêmico sério desenvolvido a pesar da carência de estrutura mínima, o ingresso de novos alunos está condicionado à entrega do Campus definitivo em plenas condições de uso (o que é de responsabilidade da Administração Superior) e não a um capricho por parte dos docentes que estão todos com um número de créditos superior ao exigido nas atividades de graduação (não há na UNB/FCE nenhum professor com menos de oito créditos), contrariamente ao que foi relatado por representante da Reitoria na última assembleia com os estudantes.*

*Por último, o corpo docente da UnB/FCE reconhece todo o esforço e dedicação por parte da Direção da UnB/FCE, porém chega à decisão de apoiar o movimento estudantil como forma de ter a garantia de que as instalações do Campus definitivo estejam em pleno funcionamento até o próximo semestre letivo por entender que todo esse esforço e dedicação não culminaram no resultado desejado.*

*Atenciosamente,  
Corpo Docente da UnB/FCE.*

Fonte: <http://www.unb.br/noticias/unbagencia/artigo.php?id=445>  
acessado às 12:06 26/10/2013

Entre assembleias, reuniões e discussões também haviam conversas e momentos de descontração. Os estudantes contaram com ajuda de professores, sindicatos e até mesmo outros estudantes que não podiam estar ali o tempo todo. Ajudas que iam desde um abraço caloroso e uma palavra amiga até ajuda financeira para comprar comida, caronas entre outras coisas. No final de semana não havia conversa com os administradores da universidade

(reitor, decanos e diretores), então os estudantes aproveitavam para descansar e também fazer reuniões, pois não podiam perder o foco e quando fossem retomadas as negociações estariam melhores organizados. Também faziam conversas de formação política, que, além de serem encontrados em livros, estavam na vivência diária e essas discussões em grupos foram as mais utilizadas no momento. Nesses dias que passaram por lá, os estudantes puderam se aproximar mais ainda de alguns professores que se mostraram solidários a uma causa que os estudantes acreditavam também ser deles. Havia também professores que pareciam ser contra a mobilização, havendo alguns atritos entre esses professores e os estudantes do movimento. Alguns estudantes, especialmente aqueles que se sobressaíam no movimento, afirmavam que alguns professores, os quais eram gestores da UnB, os pressionaram muito para finalizar com a ocupação.

Durante os dias de ocupação, havia grupos de estudantes que saíam em apitaco, cornetando, se manifestando com algum barulho e também cantando os gritos de ordem que se criavam ali, com isso eles queriam demonstrar que estava ainda presentes na reitoria, focados na luta e que não iam descansar enquanto não houvessem respostas favoráveis às suas reivindicações. Essas manifestações ocorriam por todo o prédio da reitoria e também nos ICC sul e norte. Em algumas manifestações passavam uma caixinha pedindo ajuda com moedas para que fossem revertidas em alimentação para todos que estavam fazendo parte de alguma forma daquele movimento. Os estudantes estavam atentos a tudo que estava acontecendo enquanto a ocupação acontecia, e sempre eram montadas comissões para ir acompanhar de perto. Se acontecia audiência do reitor com senadores, lá estavam eles, protestando e tentando mostrar o que estava acontecendo naquele momento na Universidade de Brasília. Na foto a seguir, um grupo de estudantes protestava em audiência com senadores que acontecia no Memorial Darcy Ribeiro, conhecido como Beijódromo, da Universidade.

**Foto 7** – Reitor, senadores e estudantes.



Fonte: Emilia Silberstein/UnB Agência.

O tempo de ocupação na reitoria também estava vinculado à data da próxima reunião do Conselho Universitário (CONSUNI), quando seria apresentada a demanda de cancelamento do vestibular de 2012 para decisão dos membros conselheiros. Nessa reunião, após falas de estudantes, da diretora da FCE, de representantes da reitoria e de representantes do CONSUNI foi colocado em votação e a proposta foi vencida com decisão de 38 votos contra e 18 a favor. O Conselho decidiu montar uma comissão composta por seis integrantes – dois estudantes, dois professores e dois funcionários - que ficou encarregada de acompanhar o andamento das obras, cumprimento do contrato para que no próximo semestre os estudantes não sofressem tanto quanto já haviam sofrido até aquele momento, pelo menos no que diz respeito à estrutura física.

E após o término da reunião do CONSUNI todos os estudantes que ainda estavam ali e também alguns professores se reuniram no salão de atos para o que seria a última assembleia enquanto ocupantes da reitoria. Alguns indignados com o resultado da votação, outros mais tranquilos, mas todos com o mesmo sentimento vitorioso, pois haviam conseguido o que vinham se propondo durante aqueles 11 dias que passaram ocupando a reitoria da Universidade de Brasília. Conseguiram o apoio de diversos cursos e universidades de todo o país que se solidarizavam e enviaram cartas/notas de apoio ao movimento e os motivos aos quais levaram à ocupação. Nessa última assembleia todos foram favoráveis à saída da reitoria, ou seja, a desocupação. Após alguns desabafos e muita emoção de todos que estavam presentes, começaram a limpar e arrumar todos os ambientes que haviam usado enquanto durou a ocupação. Fizeram uma descida simbólica da rampa como mostra a foto a seguir.

**Foto 8** – Fim da ocupação, descida da rampa.



Fonte: Divulgação UnB Agência.

E os últimos a deixar o salão levaram consigo a carta assinada pelo reitor e um sentimento incompleto de satisfação, entretanto, vitoriosos e com uma maturidade política aflorada e um desejo de seguir na luta por um ensino superior de qualidade com as condições mínimas atendidas.

##### **5. Percepções sobre o Movimento Estudantil Sem Campus, por entre pressões e divergências em redes de relações.**

Nesta seção, pretende-se discutir como os estudantes e professores que estiveram presentes na mobilização desencadeada pelo Movimento Sem Campus perceberam a ocupação da reitoria, a repercussão desse ato e a atuação do movimento estudantil, atualmente, na Faculdade de Ceilândia. Principalmente, pretende-se discutir como se formaram e efetivaram as relações sociais que estruturaram o Sem Campus. Em suma, pretende-se discutir a participação de outros segmentos da universidade, de outros movimentos sociais da UnB e da Ceilândia no Sem Campus.

Para alguns estudantes, o movimento estudantil Sem Campus aconteceu em um momento especial e muito importante para a implementação do campus em uma cidade como Ceilândia. Para outros, não chegou a ser um movimento, pois tinha uma pauta única, que era a estrutura física do campus da FCE. Alguns avaliam que sofreu reformulações e outros que chegou ao fim. Segundo um dos estudantes envolvidos:

*“Acho que ele se reconfigurou. Você tinha no começo uma realidade que era muitos estudantes, pouco espaço e eu não sei se por sorte ou não, por não acreditar na sorte ou até tenha sido ela, tinha um grupo de estudantes extremamente engajados nos semestres iniciais da faculdade. E ele (o*

*movimento estudantil) tinha um objetivo muito claro, que era uma FCE que pudesse estar a frente dos desafios, que era a implementação desse campus na Ceilândia. A partir desse momento, eu acho que ele foi tomando outras formas. Eu me lembro que o movimento dos sem campus, o MSC, e a gente não chamava de movimento SEM CAMPUS a gente chamava de MSC, pois queríamos fazer uma alusão ao MST, movimento dos sem terras e pra muitos isso pode não ficar muito claro, mas tem um grande símbolo por trás disso, que a gente se espelhava num movimento social forte, importante com história e a gente fazia de alguma forma alusão a um movimento social que tem uma “baita” história e que não luta simplesmente por terra. Mas, é um movimento social que luta para que as pessoas tenham mais poder, por emancipação dos povos e por aí vai. Quando a gente faz essa associação ao movimento dos sem campus, que a gente chamava de MSC, a gente não queria só um campus, não era só estrutura física, a gente queria que o campus tivesse curso noturno, que pudesse atender a demanda ceilandense que estava aqui. A maioria das pessoas que participam/ que participavam do movimento estudantil dos sem campus naquela época era uma galera que fazia parte do casa – construindo ambientes saudáveis, que era uma galera que tinha forte interação com a cidade de Ceilândia, foi uma galera que começou a organizar a primeira Semana de Extensão dessa faculdade que talvez tenha sido a melhor e maior semana de extensão que já teve na história dessa faculdade, acho que aí depois ele perde um pouco dessa essência, né. Acho que depois o movimento estudantil aqui do campus da Ceilândia, ele vai muito direcionado a estrutura física, ao campus, e tem ali o seu clímax na ocupação da reitoria”.*

Para outro estudante:

*“Eu acho que existiu um movimento pela construção do campus que não necessariamente ele foi um movimento estudantil, até porque depois que acabou a pauta sobre o campus, o movimento que se dizia estudantil se desfez. Ele voltou a ser o que era antes, o grupo de CA’s (Centros Acadêmicos) lutando por interesses individuais dos centros acadêmicos. Então, na verdade, eu acho que a gente tinha um grupo que tinha uma pauta comum que era a construção do campus, o que influenciava todos os centros acadêmicos de todos os cursos que a gente tinha na FCE e acabava se fazendo necessária uma união na época. Até para ter um pouco mais de força dentro da universidade pra lutar pela construção do campus, pelas estruturas que o pessoal achava necessário, por laboratório que os outros cursos vinham sentindo falta e até mesmo por falta de espaço, salas de aula e por tudo que já vinha ficando precário. Então, acho que era mais uma pauta comum que se tinha, mas não um movimento estudantil. Porque eu acho que o movimento estudantil não se resume a uma pauta única”.*

A ideia de movimento estudantil para os estudantes significa um envolvimento com demandas muito maiores e mais amplas do que a construção de uma estrutura física. Talvez, por isso, eles avaliem que o movimento chegou ao fim, pois não houveram mais temas e programas que o mobilizassem. Mas, de acordo com outro estudante sempre haverá movimentos estudantis em uma Universidade:

*“Acho que o movimento existiu, existe e pra sempre existirá. O movimento estudantil é o movimento de estudantes que fazem diversas coisas e tem diversas frentes de atuação. Acho que os estudantes que fazem extensão, fazem movimento estudantil. Uma grande novidade agora é um movimento chamado AFLORA, galera que discute sexualidade, gênero, essas coisas (na FCE). Acho que esse é um exemplo de movimento estudantil. Acho que era muito mais vivo a um tempo atrás o movimento estudantil dos SEM CAMPUS, um movimento que tinha talvez um objetivo mais claro de luta. Mas mesmo assim, com esses acontecimentos, o movimento estudantil na faculdade existirá”.*

Um professor, também, concorda que a universidade é o espaço por excelência para a criação de movimentos sociais e esses irão sempre existir:

*“Bem, sempre irá existir um movimento estudantil, seja na UNB/Ceilândia ou em qualquer universidade, pois de vez em quando o alunado se dá conta de um poder transformador e é aí que ele aflora. O problema é que isso acontece em momentos de crise, como foi o caso do “Movimento Sem Campus”. Mas, isso não é exclusividade dos estudantes, isso acontece em todos os seguimentos da Universidade. Veja, por exemplo, a união dos professores em relação a URP, ou as discussões em torno do plano de carreira docente. Mais recentemente, os funcionários vêm numa campanha de flexibilização de carga horária bastante acirrada. Então, se esse movimento fosse mais atuante - digo, em todos estes níveis - as arbitrariedades que forçam a deflagração dos movimentos políticos, seriam menos frequentes. Mas, os problemas e a rotina do dia-a-dia nos tornam desleixados”.*

No caso da FCE, alguns professores acreditam que o movimento Sem Campus chegou ao fim. Outro professor avalia que o movimento Sem Campus está adormecido, pois a totalidade das questões que reivindicaram não foi concluída, mas os novos estudantes ainda não se inseriram no jogo político. De acordo com um professor:

*“Eu acho que existiu, ainda existe, né. Mas, eu acho que o movimento estudantil na faculdade de Ceilândia de uma forma bastante interessante e bastante singular, se organizou em um primeiro momento em função de uma necessidade, de uma realidade. Mas eu acho que apesar dele ter se organizado ao redor da falta do campus, muitas discussões além daquela questão mais central, o movimento pautou. Eu acho por isso é que de certa forma embora ele tenha sido motivado, mais conhecido como movimento sem campus, eu acho que ele teve a capacidade de pautar outras coisas, por isso que eu acho que ele existe talvez adormecido. Ou pouco ainda conhecido pelos novos estudantes, mas a pauta do campus é como a reforma sanitária que o SUS era uma das pautas a reforma persiste e ainda tem pauta vigente 'eu acho que muitas das pautas do movimento sem campus ainda não foram conquistadas. Então, por isso teria razão de fortalecimento e resgate do movimento”.*

Nas falas dos estudantes, o surgimento do movimento Sem Campus acontece porque eles não se sentiram inseridos em uma Universidade. Assim, afirma um deles:

*“O que motivou foi a insatisfação das pessoas, acho que tem uma insatisfação primeiro que é visível. Você passa em uma universidade, que é a UnB, que a maioria das pessoas que conhece a UnB ou que não conhece a realidade, tinha, como exemplo, a estrutura física do Darcy Ribeiro. Quando você chega, você chega a uma sala, uma escola acho que isso dá um choque inicial que é o choque visual mesmo e a segunda coisa é porque vê que aquela escola não tava caminhando na mesma medida que você avançava no seu curso, você avançava no seu pensamento produtivo. Acho que tinha muito também da necessidade de criar uma universidade pra além do ambiente de uma escola simplesmente, e aí não é só ambiente físico, é um ambiente de interação com as pessoas é de convivência naquele espaço de eu poder ter mais matérias que eu posso pegar, que eu possa desenvolver mais pesquisa, que eu possa desenvolver mais extensão, que outras pessoas possam ocupar essa universidade aqui. É festa, é diversas outras coisas que aquele espaço não poderia acontecer. E, talvez, esse é o principal gancho da galera se organizar ter insatisfações e a partir daí pra frente”.*

A partir do momento que se encontram em uma realidade que não se enquadra no que imaginam ser a vida acadêmica, eles se organizam no movimento Sem Campus. No relato de um estudante, ele explica que:

*“Essa organização teve início em 2008, no meio de 2008. Não sei se já chegou a estar organizado. Foi a primeira movimentação estudantil em busca de campus aqui, nessa faculdade, foi em 2008, lá no Tático que a galera fechou a Hélio Prates, porque a galera queria ir pro CEM4, né. Tinha a promessa que em 2008, começo de 2009, ia pro CEM4 e, no segundo semestre de 2009, já estaria com o campus definitivo pronto, com os dois prédios iniciais”.*

Para outro estudante:

*“Desde quando eu entrei, em 2009, já tinha um pouco de discussões dentro dos CA’s sobre isso. Porque era bem a época que o pessoal já tinha que estar indo para um campus definitivo. Era o primeiro prazo, e aí eu lembro que os centros acadêmicos começavam a discutir isso já, só que cada um no seu canto. Então era uma pauta antiga, mas que era tratada de forma individualizada. E aí como foi passando o tempo e a FCE foi enchendo e ficando pior a situação, ficando mais difícil alocar todas aquelas pessoas em todo o espaço físico que era realmente a pauta do movimento. Era a construção de espaços físicos, de acesso a serviços da universidade que por ser um campus novo não se tinha. Acho que foi assim que surgiu”.*

Inseridos na Universidade de Brasília e, especialmente, em uma cidade como a Ceilândia que conta com um número grande de movimentos sociais, alguns estudantes avaliam que houve a influência de outros movimentos sociais no Sem Campus. Vale enfatizar

que o campus da Ceilândia, foi o único na expansão da UnB, a contar com apoio do Governo do Distrito Federal (GDF) para a sua construção. Assim, a UnB estabeleceu parceria com o GDF, por meio da Secretaria de Educação (SEE). Como parte dos acordos dessa parceria, o GDF, primeiro, cedeu o espaço do Centro de Ensino Médio nº 4, localizado na QNN 14 – Área especial de Ceilândia Sul – para a instalação temporária do Campus, e doou um terreno com 20 hectares que abrigaria as instalações definitivas do Campus. Além disso, o GDF se responsabilizou pela construção do novo campus, o que se configurou em problemas na construção, superfaturamento de obras. Além disso, o GDF passou por uma crise em sua gestão, o que fez ter ao longo de três anos, quatro governadores.

Na Ceilândia, também, encontra-se o Movimento Pró Universidade Pública de Ceilândia (MOPUC), o qual tinha uma atuação antes da UnB ir efetivamente para a cidade. Em uma busca por sites, é possível ver a atuação do MOPUC. Além disso, as notícias vinculadas em blogs e jornais locais demonstram que a comunidade ceilandense sentia que a universidade pública deveria ser criada para os cidadãos de lá. Em março de 2007, cerca de 300 estudantes secundaristas de escolas públicas da Ceilândia fizeram uma passeata exigindo a construção imediata do campus. Em 2007, de acordo com o então coordenador-geral dos campi da UnB, Sylvio Quesado, seriam definidos pela comunidade os cursos que estariam no campus da Ceilândia, de acordo com ele: "Vamos conversar com os conselhos comunitários para ver quais são as maiores áreas de interesses" (site Os Teixeiras). De acordo com um levantamento realizado pelo MOPUC, dos 40 mil estudantes da UnB, somente 500 residem na Ceilândia. Além disso, afirma que 92% da renda dos universitários da cidade são usados para cobrir despesas com a UnB. A coordenadora do MOPUC, nesse período, Eliceuda Silva de França, afirmou em entrevista no site que deve ser mantido o diálogo constante para que a UnB adapte-se à realidade de Ceilândia, desse modo: "A universidade, quando chega, muda a história da cidade. Isso faz a diferença para todos que habitam o local". Por isso, Eliceuda argumenta que deve ser facilitado o transporte, garantida a permanência do estudante e, principalmente, a reserva de vagas para alunos moradores da região. De acordo com ela: "O modelo de benefício que existe hoje em Planaltina - que dá 20% a mais na nota final para alunos de lá - não é suficiente. É preciso haver reserva de vagas".

O MOPUC e o movimento estudantil Sem Campus tiveram momentos de desacordos quando ocorreu a ocupação da reitoria, pois o primeiro não aceitou a demanda de suspender o primeiro vestibular de 2012. Além disso, os estudantes do Sem Campus se sentiram deslegitimados diante dos argumentos do MOPUC quanto a representarem a população da

Ceilândia. Isso transpareceu nas falas de representantes do MOPUC quando afirmavam que “a decisão de cancelar o vestibular estava sendo tomada por uma cidade de 700 mil habitantes”. Muitos integrantes do Sem Campus não eram moradores da Ceilândia e se sentiram marginalizados diante dos argumentos dos moradores do local. Hoje, uma das lideranças do Sem Campus afirmou em uma palestra proferida na FCE que, talvez, um dos erros do movimento tenha sido não ter se envolvido mais com os movimentos sociais localizados. De acordo com um estudante:

*“O MOPUC é um movimento da Ceilândia que se ocupou da discussão e debate sobre a importância de se ter a universidade pública na Ceilândia, antes da chegada da FCE na Ceilândia realizou mobilizações que tinham por objetivo dar visibilidade a essa questão. O movimento estudantil na FCE tem a capacidade de realizar uma ponte entre a universidade e a sociedade, pois estamos inseridos em um espaço em que os movimentos sociais são as vozes representativas e com isso têm interesses comuns com a universidade. Durante a ocupação o Movimento dos cursinhos também se manifestou, em um primeiro momento a favor e depois da intervenção do MOPUC retornou dizendo que se manifestava contra a pauta do Movimento Sem Campus”.*

Sobre a participação de outros movimentos sociais no Sem Campus, os estudantes afirmam que teve a influência desses, o que, para alguns, transparecia nas divergências. De acordo com um estudante, essa influência não deve ser avaliada como sendo uma manipulação do Sem Campus:

*“Olha acho que teve (influência de outros movimentos sociais)... Acho que ninguém... Aliás, não tem uma forma de catequizar, né. De fazer, olha você tem que fazer um movimento por isso, por isso por aquilo. Pelo contrário, acho que o (...) se organizou e conversou com outros grupos. O próprio movimento geral da UnB, DCE tanto a gestão que era de 2008, com a gestão de 2009, 2010 e gestão de hoje. Até porque essa era uma coisa muito visível na universidade e quem não abraçasse essa campanha conversasse com esse pessoal ia perder o 'time' político da questão. Conversou com o MOPUC durante muito tempo, que teve uma manifestação que foi com o MOPUC lá na reitoria, talvez foi a primeira vez que a faculdade de Ceilândia de alguma forma ocupou a reitoria entre algumas aspas, foi junto com o MOPUC. E ali era um embrião do que começava e foi o MOPUC, estudantes da faculdade de Ceilândia e também estudantes da rede pública de Ceilândia. Eu acho que teve relações, agora essa galera não chegou e catequizou pra gente pra mostrar quais eram os caminhos. Uma relação natural de pessoas que têm os mesmos objetivos e que em algum momento a luta é parecida”.*

Outro estudante afirma:

*“Acho que sim até porque isso refletiu... Eu acho que dá pra ver realmente que tinha essa influência que era feito por gente de dentro da FCE que estava envolvida com outros movimentos, que aí tinha o movimento estudantil, o movimento partidário, tinham várias coisas. E aí eu acho que isso refletiu até a nossa entrada na reitoria. Acho que foi bem nítido. Que aí se viu a presença bem clara de outros movimentos e não só o movimento da FCE. E que aí a gente teve várias ações que não eram típicas daquele grupo que se tinha pensado conjuntamente. Daquela ideia que se tinha em conjunto. Mas que você via que algumas outras posições tinham sobressaído e tinham atuações que não eram decisões do grupo e sim decisões individuais, acho que de algumas pessoas e grupos até que estavam ligadas a outros movimentos”.*

Sobre relação com os outros campi da UnB, de Planaltina e Gama, os estudantes explicam que inicialmente fizeram algumas mobilizações somente com os estudantes do Gama, que estava com as obras atrasadas, mas esses não participaram da ocupação da reitoria. O Campus de Planaltina já estava com sua estrutura montada.

Os estudantes reconhecem que o auge do movimento ou da organização dos estudantes foi com a ocupação da reitoria, pois foi um momento de reflexão para os envolvidos de criação de textos, letras de música que expressam a maneira como sentiam e viviam a vida acadêmica e o ensino universitário. Hoje, o movimento Sem Campus se enfraqueceu, de acordo com um estudante:

*“A ocupação da reitoria, eu pelo menos analiso por algumas perspectivas. Uma é o da força que aquele movimento tinha. Era um movimento que, talvez, na história da UnB, tenha sido um movimento que tenha abarcado mais pessoas proporcionalmente na FCE, quando teve a ocupação da reitoria em 2008 na época do Timote (reitor), aquele reitor da lixeira, não teve uma ocupação grande com tanto número de pessoas, mas se você pegar lá tinha mil pessoas, isso proporcionalmente aos vinte mil estudantes que a UnB tinha naquela época não é tanta coisa. Agora, quando você pega uma ocupação da reitoria na Ceilândia que ali por dia devia transitar em média uma quinhentas pessoas pra uma faculdade que tinha mil e poucas pessoas, é gente pra caramba. Sei que a FCE não teve aula naquele período e teve uma aula de um professor de um curso que deu aula pra um estudante de um curso. É incosequência dos dois também, né. Tanto do professor que no mínimo nem é tanta incosequência é falta de responsabilidade e falta de compromisso público com a sociedade quanto o estudante também que vai assistir uma aula dessa. Essa é a primeira coisa, acho que o movimento tinha muita força, porque tinha muita insatisfação e as pessoas que queriam espaço físico, nem todo mundo que ocupou a reitoria tava preocupado ou com a qualidade de ensino ou com o avançar desse campus, com a reconstrução desse campus, tinha um altíssimo grau de individualidade ali naquela ocupação da reitoria. As pessoas estavam muito preocupadas “ah como é que eu vou ter o meu futuro estudando naquela escola”, não que essa não seja uma preocupação válida, mas é uma preocupação perigosa*

*quando você junta muita gente com insatisfação extremamente individual isso leva para alguns caminhos inconsequentes.*

*Primeiro. Acho que a ocupação da reitoria faltava foco, muitas das vezes. Segundo, tinha uma liderança clara, mas as pessoas tentavam boicotar a liderança, a Jéssica Rosa era a liderança daquele momento da ocupação da reitoria só que tinham grupos que tentando minar a Jéssica de todas as formas. Grupos movidos por outros interesses e principalmente por um radicalismo maluco, de achar que ser radical por ser radical é dizer não a tudo ou de achar que por eu falar não a tudo é quebrar uma porta, enfrentar um segurança isso me dá condição de negociar, é mentira, não dá. Então eu acho que fizeram um processo muito ruim da pessoa que foi muito importante desse movimento que foi a Jéssica. A outra coisa, os professores usaram dos estudantes como bucha de canhão, tanto é que teve professor que foi tentar negociar na sala do reitor, isso a gente sabe, a queda da direção em troca da do fim da reitoria, sendo que não era esse professor que estava dormindo lá todos os dias, eu tenho certeza. Então o professor utilizava de uma força que eles construíram, achando que levando lanche achando que estava comprando o movimento pra negociar coisas maiores, negociar interesses deles. E por último teve uma atitude extremamente inconsequente da ocupação da reitoria que era pedir o cancelamento do vestibular, que aí mesmo que falassem “ah que é simbólico” pra mim é absurdo. Até porque se fosse para cancelar vestibular por falta de estrutura na verdade tinha era que cancelar ou pausar todos os cursos existentes nessa faculdade, que quem mais sofre é quem tá mais avançado e não quem tá entrando agora. Então acho que a reitoria foi uma mistura de romantismo de... Acho que tinham alguns guerreiros que dormiam todos os dias que participavam de todos os debates que estavam todos os espaços com uma mistura de festas também. Acho que faltou foco na reitoria. Tanto que pra mim a gente saiu com uma grande imagem, ocupar a reitoria talvez foi o grande ápice da universidade nos seus últimos anos, foi o grande ápice desse movimento estudantil mas que não teve pautas para o futuro. Depois da ocupação da reitoria despencou a adesão ao movimento, as assembleias são extremamente vazias e mesmo assim nós continuamos com a mesma falta de estrutura, tanto que ainda tem muita aula sendo realizada do CEM4, tanto que a Saúde Coletiva não tem laboratórios prontos, ou seja, tudo aquilo que a gente discutia na ocupação da reitoria ainda existe em maior em menor grau isso ainda existe. Se você pegar aquela carta reivindicatória vários dos pontos ainda não foram atendidos, por exemplo nós não temos restaurante universitário em nosso campus, o estudante que não é do grupo 1 e 2 tem que pagar muito ainda pra almoçar aqui no nosso campus, enquanto que no Darcy Ribeiro tem. Muitos daqueles pontos não foram atendidos, mas pela falta de foco, pela tentativa de minar a liderança, porque a galera queria era aparecer e não fazer movimento simplesmente acho que ela se desvirtuou e perdeu uma das grandes oportunidades que a gente tinha na história de avançar ainda mais no campus da Ceilândia. Agora ela (ocupação) foi um momento importante, talvez um grande clímax do nosso movimento estudantil aqui”.*

Após a ocupação que foi um grande momento, o movimento não conseguiu se consolidar perdeu seus objetivos, os quais muitos não foram cumpridos, e perdeu adesão de novos estudantes. Com relação à participação de outros segmentos da universidade, na fala acima percebe-se que o estudante apontou o problema da presença de professores fazendo uso

político do movimento. Outro estudante analisa a ocupação da seguinte forma:

*“Acho que a ocupação se deu em um momento do estado estava mais crítico, né, tanto a nossa relação dentro da universidade do segmento estudantil com a direção que a gente tinha. Que a gente já tinha uma pauta que era discutida, a gente já tinha reuniões com frequência, mas aquilo não vinha surtindo efeito. E aí acho que foi nesse momento que culminou a ocupação. A gente não via uma movimentação da universidade para fazer cumprir essas pautas, essas demandas que basicamente todas eram ligadas a construção do campus e a questões de estrutura física no campus provisório até a construção do campus novo que a gente sabia que ia demorar muito tempo. E aí a gente teve o momento de ocupação que ao mesmo tempo foi um momento pra faculdade de Ceilândia que ela se viu mais unida. Eu lembro que no dia que a gente entrou, a gente tinha um número muito grande de alunos, que era o que a gente nunca tinha conseguido em todas as mobilizações que a gente já tinha feito. Tanto em Ceilândia, nas passeatas, nas idas ao campus, nas inaugurações simbólicas, em nenhum momento a gente tinha conseguido aquele quantitativo de pessoas, então foi um momento realmente de união. Todo mundo falou “não, olha esse campus também diz respeito a mim”. Foi um número grande mas não tanto quanto deveria. Se eu não me enganar eram cerca de 400 pessoas e a FCE na época tinha cerca de 1.500 pessoas então não chegava a ser nenhum 1/3 das pessoas. Mas que já era um quantitativo grande. Para mim foi um período muito tenso o das negociações porque acabou que por fim no momento eu fiquei um pouco com a parte de fazer essa negociação entre os alunos e ser a porta-voz (eu acho) das pessoas com a universidade, no caso a gente negociava muito com o reitor (que na época era o José Geraldo), com a professora Diana que era/é a diretora da FCE e com o David que era o assessor jurídico da reitoria, se eu não me engano, (...). E a negociação era basicamente feita com essas pessoas, mas muito intensamente com o David. Que ele conversava muito, ele tentava fazer com que a gente saísse de lá ou sempre queria uma saída que fosse plausível pra todos, mas que na verdade pra gente não mudava nada e era basicamente ele que propunha essas negociações. (...) E foram momento que eles viram que a ocupação tinha força e ela durou 11 dias e nesse período eles notaram que o nosso movimento era legítimo. Porque ele lutava pela construção de um campus que já estava atrasado fazia anos e porque simplesmente não tinham mais condições pra gente continuar estudando naquele espaço que a gente tinha no momento, que era o campus provisório. E que as condições do campus provisório até pra aguentar chegar na construção do campus novo eram e que precárias e que haviam necessidades ate de melhorar um pouco pra gente ficar lá, pelo menos até construir o campus novo. E aí eu emagreci 5 quilos na primeira semana de ocupação, eu tinha uma pressão psicológica muito forte principalmente da direção da FCE, a pressão era muito forte (...) acusava a gente das depredações que tinham tido na reitoria (...). E aí em alguns momentos nessa negociação a gente teve alguns movimentos partidários, principalmente, querendo tomar a frente da negociação e não em nome da FCE, e aí eu digo: Pra mim foi muito importante, uma das coisas que me deu mais autonomia dentro da universidade, foi não ser filiada a nenhum partido político. Porque eu era uma pessoa que não conseguiam me ameaçar, não tinham por que me ameaçar. Eu não me sentia com “o rabo preso”, eu não era capaz de ser regulada por ninguém. Então pra mim tanto fazia se PT, se PSDB se todos os outros partidos quisesse que a coisa acontecesse de tal forma, Porque o*

*que os estudantes queriam, a maioria não era aquilo que condiziam com aquilo que esses movimentos traziam. E eu buscava sempre buscar o quê? “o que vocês querem é o que a gente vai negociar” e foi assim durante todo esse tempo. E acho até que é por isso que esse movimento saiu e o pessoal fala “ah mas não adiantou de nada, não mudou nada. O campus ainda demorou, ainda teve todo problema, ainda enrolaram a gente”. Mas eu acho que a gente teve uma luta digna, porque a gente arregaçou as mangas foi pra dentro da reitoria da universidade, lutar por algo que a gente realmente tinha o direito. E aí você fala assim “mas o campus não foi construído”. Mas hoje pra eu sair da universidade e vê o campus construído é uma vitória. Porque talvez se a gente não tivesse mobilizado naquela época, hoje ainda estaríamos em um campus provisório. Porque para a universidade era muito cômodo deixar o pessoal lá da Ceilândia no campus provisório pra sempre. Tinham muito alunos que achavam melhor lá porque era do lado do metrô, tinham vários que achavam que os laboratórios não faziam diferença e poucos se incomodavam. Então se esses poucos que se incomodavam não tivessem se mobilizados estaríamos dentro do campus provisório até hoje”.*

Quando questionados a respeito de como está o movimento estudantil nos dias de hoje na FCE, existe um ponto em comum muito claro, tanto os professores quanto os estudantes, um professor diz:

*“Bem fraquinho. O movimento estudantil, né... Tem perdido muito. Tudo o que tinha de mobilização não tem muita presença. Tem aquelas questões relacionadas a algumas atividades acadêmicas, tem. Mas como movimento no sentido político...”.*

Outro professor é bem curto e específico, ele diz que o movimento nos dias de hoje “está adormecido esperando outra crise”.

Mais um professor:

*“O movimento eu acho que está enfraquecido e está enfraquecido por razões naturais. Os alunos novos que chegam encontram agora uma estrutura até melhorada, mas nós já percebemos que é uma estrutura que está aquém da demanda mas absolutamente é uma estrutura muito mais melhorada do que era. Como eles não têm histórico do que aconteceu e tão pouco vivenciam a condição física que era vivenciada há tempos atrás, eles não têm menor noção e também não têm menor objetivo para se reunirem de novo em outro movimento semelhante. Pode ser que daqui a alguns anos, quando de novo a estrutura se torne precária ou apertada novos alunos tenham mesmo objetivo de reivindicar por uma estrutura nova. Pode ser que aconteça agora com a ausência do restaurante universitário, mas simplesmente eu acho que o movimento se enfraqueceu por uma razão natural lógica, porque nesse momento comparando com tempos atrás há muito pouco o que incomode os alunos atuais, os novos alunos. Acho que é só uma questão natural das coisas. Não é falta de engajamento, não é falta*

*de consciência é simplesmente uma nova condição que é de fato mais confortável que a anterior”.*

Outro professor vê que as coisas não eram apenas aquilo que parecia ser, as coisas tinham um abarcamento bem além do que se imaginava, então afirma:

*“Olha... Eu acho assim, essa atividade que é uma atividade mais engajada, mais política, né... Ela é muito marcante na vida dos estudantes. Se nós olharmos hoje quem são os estudantes que participaram desse movimento, lembrar dos nomes, não vou citar, mas se a gente lembra os nomes, você sabe disse, você sabe que essas pessoas têm um diferencial, né. Não é um estudante que entrou e está esperando passar quatro anos e vai sair. Então assim você vê que ali tem o que seria uma, digamos assim, uma enriquecida é uma passagem que a gente faz, é um período que a gente faz, mas ali você sai um pouco mais enriquecido, né. Então eu acho que o ME, no caso de vocês não estou falando dos outros porque tem casos e casos, mas do nosso ME você olha quem são aqueles estudantes. Eu vi fotos agora recentes, né. Alguém andou mandando pra mim e tal, umas fotos mais antigas... E você vê aquelas pessoas e hoje essas pessoas não eram destaques no sentido de aluno nota "X", mas é um aluno destacado, não é aluno destaque, mas é aluno destacado, entendeu?! Porque é um aluno que fez e ele faz um percurso dele de uma forma mais comprometida, de uma forma mais... é uma coisa mais vivencial. Isso faz uma diferença muito grande, né. Então eu acho que o ME ele cria essa oportunidade, eu não sei nesse momento, agora confesso a você, eu não sei a não ser os CAs, alguns CAs que eu conheço mais. Eu não sei quem são hoje as lideranças do movimento ou quem são os herdeiros, digamos assim, dessa história tão recente. Talvez isso que você tenha sido motivado a fazer o trabalho, porque talvez o movimento realmente não tenha ainda trazido os novos estudantes à agenda. Então por isso que eu acho que você tenha sido provocado a pegar essa história, né. Como mais uma coisa que pode trazê-los. Então eu não sei hoje, eu saberia dizer no Centro acadêmico quem vem atuando, mas no movimento eu não saberia dizer. Então quando você pergunta do movimento hoje, né... Eu digo... Faço esse comentário naquele dia em que a gente decidiu na comissão de comemoração de cinco anos, que falar de cinco anos de Ceilândia(FCE) sem falar do movimento SEM CAMPUS era impossível e isso já dá um tom do que representou. Na hora em que nós levantamos dos nomes possíveis, eram vários, né. Porque vocês eram muitos, era um coletivo não era uma liderança ou uma pessoa que conduzia, mas tinha um coletivo ali. Quando a gente pegava e lembrava quem era um nome naquele grupo que era um grupo maior e a gente pensava "quem que a gente chama" e aí sinceramente tinham várias opções para isso e nós pensamos em chamar a Jéssica até pelo papel que ela teve na própria ocupação... Era uma representação legítima para nós do que vocês... e nesse dia foi difícil nós decidirmos porque a representação estudantil não estava na comissão. Então a gente ficou muito na dúvida "será que a gente pode decidir", mas não estava e nós entendemos que seria legítimo o nome dela, a gente conversou muito sobre isso e a gente entendeu que ela tinha esse papel e era legítima a ser chamada, né. Não como a liderança, expoente, mas como uma pessoas que fosse capaz de representar aquele coletivo com muita propriedade e foi, né. Porque a intervenção dela a fala dela foi brilhante... Então... Eu não sei se esse seu movimento de resgatar essa história, talvez agora rever um pouco as pautas, quais eram as pautas e quais as pautas que*

*foram vencidas, foram conquistadas e quais dessas pautas vencidas que agora pedem novas, né. Eu acho que vai ser um bom caminho, porque diferente do ME que a gente vê que se mantém com a expressão é um ME que tem as mesmas estratégias e as mesma postura do ME de outras gerações, vocês tiveram um movimento, uma postura que era diferente. Eu não sei explicar, sabe João Paulo. Eu confesso. Mas tinha uma postura diferente, não era ou tá comigo ou tá contra mim. Que é sempre uma posição que os movimentos acabam tomando, né. Então assim... estamos em acordo em tudo ou então não. E vocês não tinham isso, né. Com toda discordância vocês discutiam com os professores, quando discordavam com a direção vocês discutiam com a direção... entre os estudantes vocês conduziam... Tinham momentos em que o grande aliado era a direção, tinha momentos que o grande aliado era o corpo docente, teve momentos em que o corpo docente era com quem vocês tinham que enfrentar... Mas não ficou marcado esses espaços, por exemplo o movimento não é problema, não foi com os professores, não foi com a reitoria, até porque o problema da obra não era da UnB, por isso que a pauta de vocês era difícil, porque não é com o reitor... De certa forma você tem uma situação em que a direção era a interlocução e a reitoria era interlocução. Porque a promessa não era da UnB, a promessa era do governador do Distrito Federal que ruiu sob denúncias graves e tal, nem precisamos lembrar, né. Então assim ... em que porta bater, né. Uma situação muito difícil e ainda assim vocês conseguiram trazer a pauta sem dizer a culpa é sua, mas você é interlocutor e agora tá na hora, né... Enfim eu acho isso”.*

Um estudante explica sobre a existência ou não do movimento nos dias de hoje enfatizando que algumas mudanças aconteceram, mas que ninguém percebe ou aponta para se discutir outras demandas que são necessárias:

*“O movimento dos SEM CAMPUS ele foi pontual e aí eu não entendo sinceramente o que é o movimento dos SEM CAMPUS agora que a gente tem um campus, né. Já começa por aí que o próprio nome do movimento, por isso que eu falo que não era um ME era uma mobilização no caso ou um movimento em prol do campus. Ele tinha uma pauta única que era o campus. E aí agora que se tem o campus era válido com certeza lutar pela estruturação desse campus, né. Por várias estruturas que não se tem ainda em um campus. Porque quando os campus sai da Asa Norte vão para as cidades satélites então o que a gente está perdendo nisso... Porque não se consegue hoje em dia na FCE pedir um livro da biblioteca central, por exemplo. Isso tinha que ser debatido, e se isso não for debatido isso não vai acontecer nunca. Então sempre você estudante vai ter que se dirigir até lá dentro de uma mesma universidade, na verdade não, esse livro tinha que vir até você. Então assim é o plano dos campus foi completamente mudado, tudo foi alterado, tudo. Toda estrutura que se tinha pensado foi alterada. Até o teto do campus que era pra ser sustentável hoje não é. E aí pra onde foi o dinheiro pra a construção de um teto sustentável na UnB Ceilândia. Que era justamente uma proposta socioambiental. Isso não aconteceu. Mas isso não é mais a luta por um campus, porque campus a gente já tem, e é um campus novo diferente do Darcy Ribeiro, você tem estrutura nova, material novo, tudo novo. Mas tem várias que têm que ser debatidas ainda, o MESP que*

*ainda não está pronto. Se eu não me engano foi embargada por causa de problemas na obra, ela estava pronta mas tiveram umas série de problemas no fim da obra e isso é tudo dinheiro que tá indo. E aí o pessoal voltou a discussão de antes. Que você tem uma série de centros acadêmicos que são justamente partidários ou ligados a outros movimentos estudantis... que não tem mais capacidade de agir com autonomia, então eles não são mais movimentos autônomos, eles são movimentos que vão de acordo com aquilo que a direção e até mesmo a universidade como um todo deseja, a universidade como tudo assim a estrutura, não os estudantes, professores e servidores.*

*A gente tem uma série de estudantes que entraram que aí veste a camisa e é muito bonito essa camisa um movimento lindo mas esquece exatamente a essência do que era o movimento SEM CAMPUS”.*

Outro estudante diz:

*“Hoje eu vejo um movimento fragmentado, extremamente fragmentado, um movimento sem liderança, um movimento sem corpo, um movimento de muita gente, não de muita gente, né, Um movimento com algumas pessoas que ainda se reúnem que ainda querem fazer alguma coisa, mas não sabem bem o que. É vamos ali, vamos. Vamos fazer alguma coisa? Vamos! Mas o que vamos fazer? Ah não sei, vamos lá que a gente vai ver. Isso não atrai o estudante. E também eu acho que isso é característica do ME, ele tem uma renovação mais constante. O ME é um movimento geracional que as pessoas entram na universidade e tem o seu primeiro contato e tem o clímax do ME e depois as pessoas saem do ME, porque elas precisam formar, porque elas formaram, porque elas têm outras tarefas. Então foi um momento de renovação também aqui da Faculdade de Ceilândia que aquela galera que começou, saiu ou tá saindo ou vai sair. E a galera que tá no meio é uma galera que eu acho que cumpriu com um importante papel, mas é uma galera que também já está de saída e a galera nova não enfrentou a realidade que as outras galeras enfrentaram. Já chegou em uma Universidade que já tem os prédios construídos e coisa do tipo. Só que agora isso vai se esgotar, tem uma hora que essa galera vai cansar de ter só esses dois prédios, vai ver que está enchendo demais. Pô foi criado mais um curso, esse curso ainda é diurno não foi noturno do jeito que a comunidade de Ceilândia queria. Agora isso não significa que vai fazer avançar nas pautas naquilo que eu acredito que é democratizar mais a universidade, ampliar mais a universidade, é ter mais gente na universidade com qualidade, com estrutura adequada e principalmente gente que nunca esteve na universidade. Talvez isso vire pautas corporativas mesmo, mas agora eu acho que daqui uns anos o movimento vai ter sim essa efervescência, que esse modelo aqui vai se esgotar. É achar que ME da faculdade da Ceilândia vai se acalmar porque ganhou dois prédios é errado, isso pode criar uma bolha que vai sustentar uma bolha por um tempo mas vai ter uma hora que isso vai estourar e aí vai estourar feio de novo. Agora o que eu fico triste é saber ou pensar que as coisas só se resolvem com as mesmas estruturas. De ter que ocupar de novo a reitoria, de ter que ir de novo pra grito, de ter que enfrentar de novo um monte de coisa pra gente conseguir algumas coisa pra gente ter algumas coisas. E aí é outro papel, acho que o ME não cumpriu bem com o seu papel burocrata (até entre algumas aspas) que é o papel de planejamento. Falta estratégia, falta tática e estratégia. É da gente chegar e falar ó quais são os planos para a faculdade de Ceilândia para os próximos*

*10, 20, 30 e 100 anos?!... Que uma outra característica é que tem muita gente que faz ME pensando simplesmente na sua vida enquanto estudante que é muito curto e esquece de pensar a vida da universidade que é extremamente mais longa de você como estudante. Acho que bons ventos sopram uma hora ou outra a galera vai voltar a efervescência daquilo”.*

Concluindo, outro estudante afirma que “o movimento hoje não tem uma pauta específica está perdido um pouco, os antigos membros estão formando e seguindo a vida, as pautas mudam”. Assim percebe-se que pessoas que vivenciaram o mesmo movimento e que fizeram parte dele têm percepções diferentes. Essa divergência vivida pelos movimentos sociais são enriquecedores, pois problematizam a vida social que se pretende mudar. No Sem Campus, o objetivo que uniam todos era o mesmo, mas a experiência da vida acadêmica passava obviamente por histórias individuais. O interessante neste caso é o sentimento e clima da vida acadêmica na Faculdade da Ceilândia que transparece nas falas. Assim, todos concordam no ponto que hoje existem sim motivos para que ocorram muitas discussões, mas parece que a mobilização e o engajamento concreto sobre essas demandas só têm a devida atenção quando estão insuportáveis ou em ponto de ebulição.

## 6. Considerações Finais

Como um dos estudantes participantes do movimento Sem Campus, este trabalho teve uma motivação muito pessoal que era resgatar a história do movimento na Faculdade de Ceilândia. Apesar de ter uma história tão curta em vista de tantas outras, foi importante para a instalação do campus e para a vida dos universitários em um momento de expansão da Universidade de Brasília. Se pensarmos no contexto onde se insere a UnB e como ela ainda representa uma elite, pois ainda é possível ver o campus Darcy reproduzindo os estigmas com relação aos outros campi, semelhante ao que Brasília representa para as outras regiões administrativas do DF, o movimento Sem Campus e sua ocupação da reitoria retrata a diferença na ocupação de espaços e construção de estereótipos. Outro ponto que me intriga é o sentimento de que o movimento parece estar se perdendo, o que, a meu ver, não pode acontecer, pois foram tantos fatos e tantas as dificuldades vividas pelas primeiras turmas da faculdade. Portanto, uma história curta e de lutas na atual conjuntura deve ser lembrada e quem sabe servir de inspiração para os novos estudantes.

Foram usadas apenas falas de estudantes e professores por questões de escolha, pois para um primeiro trabalho a respeito e o tempo que era disponível não achamos que fosse necessário um aprofundamento além do que foi proposto inicialmente. Entretanto recomenda-se novas pesquisas sobre o tema, incluindo mais estudantes, professores, servidores, diretores, gestores que naquela época estavam presentes, e também os que ainda não estavam naquela época a fim de ter uma leitura bem mais fidedigna também da realidade atual.

Até o dia da conclusão deste trabalho alguns dos pontos da carta de reivindicações não tinham sido concretizados. Com relação a essa situação levanto algumas perguntas: isso acontece, talvez, por falta de pressão por parte do movimento? Ou quem sabe a mudança do reitor que estava na gestão na época da ocupação e que assinou se comprometendo com o movimento? Com os depoimentos coletados e documentos analisados pode-se concluir que ainda há o que reivindicar, mas também que o movimento só tem sua efervescência quando a situação é insuportável. O movimento, que teve início pela falta de estrutura, parece ter adormecido, talvez por causa das mudanças e melhorias que ocorreram ou por não ter tido uma continuidade entre os próprios estudantes.

## 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTELLS, Manuel. A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura - **A Sociedade em Rede**. Trad. Roneide Venancio Majer. São Paulo: Paz e Terra, Vol.1. 1999.

DaMATTA, Roberto. Introdução. In: VANGENNEP, A. **Os ritos de passagem**. Petrópolis: Vozes. 2011.

FRAGA, Maria da Conceição. **Estudantes, Cultura e Política: a Experiência dos Manauaras**. Manaus: Ed. da Universidade do Amazonas, 1996.

GOHN, Maria da Glória. “Introdução”, “Parte I – Redes de mobilizações no Brasil contemporâneo – a conjuntura e as categorias que se destacam” e “Parte II – Mapeando a cena: movimentos sociais e associações civis”. In: **Movimentos Sociais e de Redes de Mobilizações Cívicas no Brasil Contemporâneo**. Petrópolis, RJ: Ed, Vozes, pp. 11-44. 2010.

GOSS, Karine Pereira; PRUDENCIO, Kelly. O conceito de movimentos sociais revisitado. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**. vol. 2, n 1 (2), pp. 75-91. 2004.

INSTITUTO SOU DA PAZ. O movimento estudantil no Brasil. **Caderno Grêmio em Forma**, 3ª edição. pp. 9-11. Disponível em: <[http://www.etepb.com.br/arq\\_alunos/downloads/gremio/caderno\\_gremio\\_estudantil.pdf](http://www.etepb.com.br/arq_alunos/downloads/gremio/caderno_gremio_estudantil.pdf)>. Acesso em 21 de jul 2013.

LOPES, Wílon Wander. **Ceilândia tem Memória, Duas Décadas e Meio Milhão de Habitantes**. Brasília. Comunidade Editora. 1993.

MENDES JUNIOR, Antônio. **Movimento Estudantil no Brasil**. São Paulo: Brasiliense. 1981.

MISCHE, Ann. Redes de Jovens. In: **Tendências e Debates**, nº 31, 1996.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; NETO, Otávio Cruz; GOMES, Romeu. **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

NAKAMURA, Eunice. O método etnográfico em pesquisas na área da saúde: uma reflexão antropológica. **Saúde e Sociedade**, vol.20, n.1, pp. 95-103. 2011.

PINTO, Hêider Aurélio. O Movimento estudantil de medicina e a transformação da escola médica. **Interface – Comunicação, Saúde, Educação**. Botucatu, vol.4, n.7, pp. 159-160. 2000.

REIS, Alessandra Martins dos; SOARES, Cássia Baldini; CAMPOS, Célia Maria Sivalli. Processo saúde-doença: concepções do movimento estudantil da área da saúde. **Saúde e Sociedade**, vol.19, n.2, pp. 347-357. 2010.

STOTZ, Eduardo Navarro. A educação popular nos movimentos sociais da saúde: uma análise de experiências nas décadas de 1970 e 1980. **Trabalho Educação Saúde**, vol.3, n.1, pp. 9-30. 2005.

TOURAINÉ, Alain. “Os movimentos sociais”. In: FORACCHI, Marialice; MARTINS, José. **Sociologia e Sociedade: Leituras de Introdução à Sociologia**. RJ: LTC. 2000.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. **Linha do Tempo**. Brasília, 2006. Disponível em: <[http://www.unb.br/unb/historia/linha\\_do\\_tempo/index.php](http://www.unb.br/unb/historia/linha_do_tempo/index.php)>. Acesso em 17 de jul 2013.

## 8. ANEXO

### *Eu estava lá!*

*Gostaria de colocar a minha versão dos fatos que desencadearam em mais uma ocupação do salão de atos, da Reitoria, pelos estudantes da UnB, nesta terça feira, dia 13 de setembro.*

*O grupo de alunos e professores da UnB Ceilândia iniciaram sua reunião no “Beijódromo”, onde fizeram uma pequena assembleia para aprovação de um documento para ser encaminhado ao magnífico reitor José Geraldo de Sousa. A passeata se deu de maneira ordeira e pacífica, onde palavras de ordem como “O Zé é o reitor do mau” e “um, dois, três, quatro, cinco mil, queremos que o Zé construa nosso campus” estavam presentes. Todos do movimento estavam vestindo camisetas onde se lia “SEM CAMPUS”. Todos relataram as precárias condições do campus de Ceilândia, como falta de espaço físico, dois banheiros para mais de mil alunos, falta de restaurante universitário, falta de laboratórios, falta de segurança, provas sendo feita no corredor e muito mais. Infelizmente, essas informações não nos são passadas por representantes da Ceilândia no Consuni. Ao contrario, a imagem de que esta tudo bem é o tema central das comunicações feitas pela diretora apontada pelo reitor. Na entrada da reitoria observei que alguns que não estavam de camiseta se fizeram presentes a frente do movimento com o intuito de “forçar a barra”. Estes demonstraram seu descontentamento com a administração tentando ocupar o gabinete do reitor à força. Nesse momento, presenciei um fato inusitado na história da UnB. Já estive presente em várias manifestações durante os meus vinte anos de professor sindicalista, mas nunca havia presenciado uma situação em que de um lado estavam pessoas descontentes com a atual administração e sua crise de gestão e do outro seguranças sendo ajudados por decanos. Por alguns momentos não pude acreditar que o senhor Eduardo Raupp, decano de finanças de nossa universidade, estava trocando socos e pontapés com alunos na defesa do gabinete. Acho que ele tem todo o direito de se defender caso fosse atingido, porém aquele espaço deveria ser ocupado, ao meu ver, pelos seguranças da UnB e não por decanos de Extensão, Planejamento e Finanças.*

*Em nenhum momento observei alunos ou professores do Campus da Ceilândia em qualquer atitude agressiva. Todos se comportaram de maneira ordeira e civilizada. A ocupação foi feita dentro daquilo que foi organizado. Se os mais de quinhentos alunos ali presentes tivessem a intenção de ocupar o gabinete do Magnífico Reitor, os cinco seguranças, mesmo com a ajuda dos decanos, não impediriam a ação. Esperamos que o Reitor entenda as reivindicações do movimento que são justas e legítimas.*

*Ebnezer Maurílio Nogueira Da silva*

*Presidente da ADUnB.*